

REVISTA MENSAL

Ave

ANO 107

R\$ 2,50

JULHO 2005

MARIA



**Por um
diálogo cultural
entre o Islã
e o Ocidente**

**Uma Terra
de paz
e fraternidade**

Os jovens e o mundo

FÉ



É alimento
para a alma.
Muda a vida:
Paz e calma.

É uma força
bem interior.
Na gente, muda
o exterior.

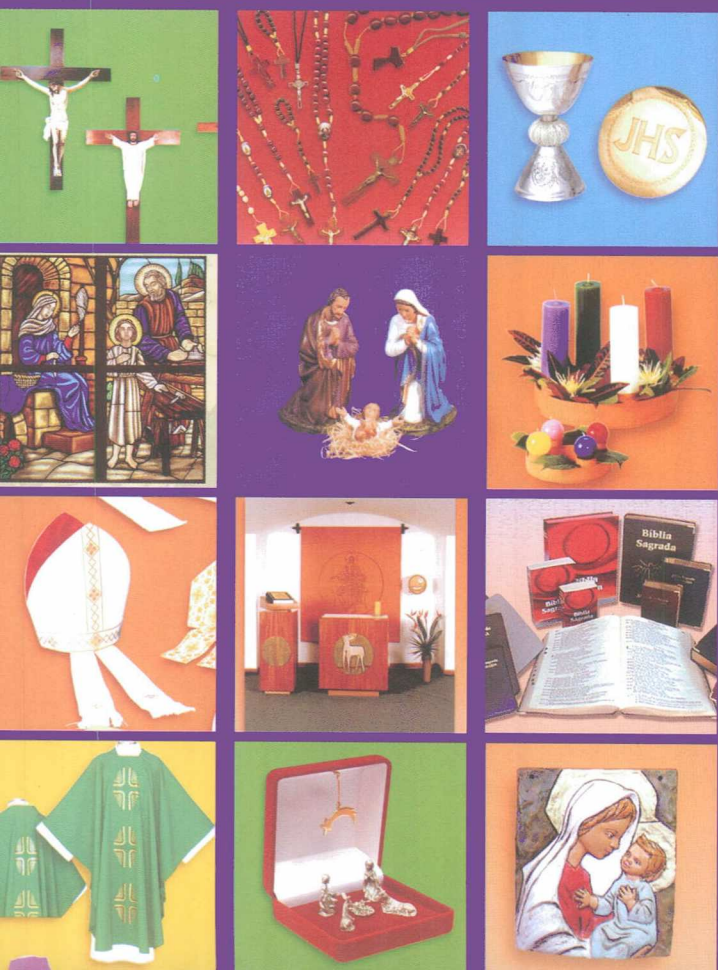
É uma fruta.
Ah, que doçura!
Bate, coração
De forma pura!

É tão amiga
em tribulações.
Esperança traz
em orações.

É a coragem
para enfrentar
medos, temores.
E os superar.

É CRENÇA firme
que nos sustenta
e faz da VIDA
jornada benta.

Por Francisco Gomes de Matos, Comissão de Direitos Humanos
Dom Hélder Câmara, CAC, UFPE, Recife, fcgm@hotmail.com.br



3^a EXPO Católica[®] Julho de 2005

Feira Internacional de Livros e Artigos Religiosos

Todo mundo vai, e você?

AS PRINCIPAIS EMPRESAS ESTÃO AQUI!

REALIZAÇÃO

promocat
marketing de serviços

promovendo o mercado católico

APOIO:

M
EDITORA
AVE-MARIA

DE 13 A 17 DE JULHO NO EXPO CENTER NORTE - SÃO PAULO

Informações e convites: www.expocatolica.com.br / (11) 3115-4314



Revista Ave Maria

É uma publicação mensal da Editora Ave Maria (CGC 60.543.279/0002-62), fundada em 28 de maio de 1898, registrada no SNPI sob nº 22.689, no SEPJR sob nº 50, no RTD sob nº 67 e na DCDP do DFP, sob nº 199, P. 209/73 BL ISSN 0005 - 1934, pertencente à Congregação dos Missionários Claretianos.

Diretor: Cláudio Gregiain.

Administração: Nestor A. Zatt.

Divulgação: Hely Vaz Diniz.

Redação: Avelino S. de Godoy; Adelino Dias Coelho.

Diagramação: Antônia Portero Simon; Avelino S. de Godoy.

Assinaturas: Geraldo José Canesin.

Correspondência: Rua Martim Francisco, 636, 1º andar, CEP 01226-000. Tels: (11) 3666-2128 e 3823-1060 ou Caixa Postal 1205 - CEP 01059 - 970 - São Paulo, SP.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave Maria. Estrada Comendador Orlando Grande, 86, Bairro do Gramado, Embu, SP. CEP 06835-300. www.avemaria.com.br

O pagamento anual de R\$ 25,00, referente à assinatura ou renovação, pode ser feito, em qualquer época do ano, por CHEQUE, em nome da CMF Revista Ave Maria ou DEPOSITO num dos Bancos: ITAU — Ag. 0061 - C/C 51 519-3 ou BANCO DO BRASIL — Ag. 2445-7 C/C 8646-0.

A maioria das cidades é visitada por nossos representantes, que renovam as anuidades em domicílio. As livrarias da Editora Ave-Maria estão autorizadas a receber os pagamentos correspondentes às assinaturas da revista Ave Maria.

Assinatura anual: R\$ 25,00
(12 exemplares)

Se tiver dúvidas sobre sua assinatura, ou se desejar fazer uma assinatura desta revista, ligue para nós:

Ligação grátis: 0800-555-021

ou pelo **Fax: 3663-3491**

ou ainda pela **INTERNET:**

revista@avemaria.com.br

redacao@avemariainternet.com.br

assinaturas@avemariainternet.com.br

AVISO AOS ASSINANTES

Ao serem visitados por cobradoras e cobradores de assinaturas da revista Ave Maria, peça a credencial da revista fornecida a todos eles.

Lista dos colaboradores

São Paulo: Benedito Carlos Câmara; Fábio Eugênio Almeida Santos; Luzia Brancatti Stephaneli; Mauro Donizeti Câmara; Odacir Catto dos Santos; Osanir Mendes dos Santos; Palmira de Nadai Farias; Rejane Moehlecke; Walkir Mota; Sérgio Pierozan. **Minas Gerais:** Benedito Vaz Neto; Edson D. Nunes de Moraes. **Goiás:** Almerinda Gomes Batista; Lindalmy da S. Dutra Gomides; Maria da Silva Lemes; Roseli Terezinha Lauxen Silva; Sérgio Pierozan. **Paraná:** Sérgio Pierozan (Curitiba). **Rio Grande do Sul:** Harieta Moehlecke Drech. **Ceará:** José Eivaldo Lima Miranda. **Merenda Representações: Tel.: (16) 3203. 3694:** São Paulo, Mato Grosso do Sul, Paraná e Triângulo Mineiro.

SERVIÇO BÍBLICO NA INTERNET

Comentários diários sobre as leituras das missas:

www.claretianos.com.br

Revista Ave Maria na internet:

www.avemariainternet.com.br

EDITORIAL

A luta pelo pão

No centro da cidade de São Paulo, bem próximo à Praça da Sé, uma multidão de pessoas, durante o dia todo, circula por ruas destinadas somente a pedestres. O comércio local e os negócios geram um movimento intenso, variado e barulhento.

Há poucos dias, passando pela rua Direita, presenciei um corre-corre precedido por grande alarido e gritaria: o rapa!... o rapa!... sai!... sai!... Uma multidão de pessoas jovens, homens, mulheres vinham correndo em zigue-zague em minha direção com sacolas, caixas, tableiros, carrinhos de feira, cada um carregando CDs, roupas, calçados, isqueiros, meias, um monte de bugigangas. Era a Polícia Municipal com dezenas de ajudantes fazendo a apreensão dos produtos ilegais, oferecidos em barraquinhas improvisadas, caixotes e lonas estendidas pelo chão. Camelô sem registro de autorização pela Prefeitura tem seu material apreendido.

Se, de um lado, os milhares de vendedores ambulantes atrapalham os transeuntes e o comércio no centro das cidades, quer porque não pagam impostos, quer porque vendem produtos contrabandeados e com preços imbatíveis, por outro, o emprego está difícil e escasso, e o pão-de-cada-dia é absolutamente necessário.

Fala-se de 50% o percentual de pessoas jovens que trabalham em situação irregular. As estatísticas do IBGE (PME-abril/05) apontam que são 11.782.000 os adolescentes e jovens brasileiros de 10 a 24 anos com registro empregatício, isto é, com “carteira assinada”. Isto significa que outros tantos trabalham na “clandestinidade” sem direitos trabalhistas e sem proteção. Como olhar, com critérios cristãos, esses e outros desequilíbrios sociais e exclusões impostos pelo modelo econômico?

Em recente discurso, dirigido oficialmente a todos os embaixadores creditados junto a Santa Sé, Bento XVI reafirma o compromisso da Igreja quanto à sua missão: “proclamar e defender os direitos humanos fundamentais”. E descreve-os: “alimentação, abrigo, trabalho, assistência à saúde, proteção à família e direito ao desenvolvimento social”. Na seção Palavra do Papa (p.6), esse pensamento transparece como compreensão de que o compromisso tanto dos governantes quanto dos sistemas econômicos de “construir uma sociedade pacífica” envolve a aceitação em disponibilizar as “riquezas espirituais e materiais em benefício de todos”.

Na seção da Campanha da Fraternidade 2005, o artigo “Solidariedade e Paz” (p.7) descreve as conseqüências de uma sociedade não pacífica e aponta: diariamente 840 milhões de pessoas passam fome e 100 mil morrem por não ter o que comer. Outro dado estarrecedor: para cada dólar que a ONU gasta em missões de paz, o mundo investe 2 mil dólares em guerra.

O artigo “Os jovens e o mundo” (p.9), de João Batista Libânio, apresenta várias características dos jovens contemporâneos. Ideais e valores, na maior parte, já não são mais os dos pais, muito menos os dos avós. Mais do que no passado, cada um sente-se o centro do mundo; fé e coerência são sérias candidatas ao museu.

Frei Betto, em “Corpos emancipados, mentes subjugadas”(p.10), mostra como a multimídia moderna, como um polvo, enreda de tal forma os jovens que os transforma em cultuadores do mercado, é a nova escravidão virtual.

Em “Você sente pena ou compaixão?” (p.12), Luí Erlin explica a diferença desses sentimentos. Compaixão, completa ele, entende-se no sentimento e na ação do bom samaritano, cujo gesto exemplar é explicado pelo próprio Jesus.

Se quisermos uma população cada vez mais respeitada em sua dignidade humana, faz-se necessário dar condições de educação integral às crianças e aos jovens, tanto na família e nas escolas quanto nas possibilidades de trabalhos e emprego. Um outro mundo é possível. Nessa tarefa, nenhum setor social está isento de responsabilidade, seja o governo, a política, a economia, a religião, a cultura.

P.C.G.

Mutirão Brasileiro de Comunicação Social



Foto: Eduardo Russo

Comunicadores do Brasil estarão reunidos em Guarapari, ES, no 4º Mutirão Brasileiro de Comunicação. O evento acontecerá de 10 a 15 de julho, no Sesc da cidade. Este ano, o evento aborda o tema “Comunicação e Responsabilidade Social”. Nos cinco dias, os participantes poderão participar dos seminários, oficinas e grupos de trabalho, além das atividades culturais. O Mutirão é organizado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB, União Cristã Brasileira de Comunicação Social, UCBC, Organização Católica Internacional de Cinema, OCIC/BR, e Associação de Profissionais e de Emissoras de Rádio e Televisão de Orientação Católica, UNDA/BR. A programação encontra-se no site: www.muticom.com.br e <http://www.muticom.com.br>

Encontro de Biblistas

O II Encontro Interprofissional de Biblistas, realizado de 31 de maio a 3 de junho, em Bogotá, Colômbia, celebrou os 40 anos

da Constituição Dogmática *Dei Verbum* (A Palavra de Deus). O encontro destacou a Sagrada Escritura como fonte inspiradora de vida nova para a América Latina e Caribe.

O primeiro dia foi marcado pela realidade do *ver* com a visão panorâmica da caminhada bíblica pré e pós-conciliar na América Latina e pela centralidade da Palavra de Deus nas diferentes Igrejas.

O *julg*ar partiu das grandes Intuições da *Dei Verbum* enfocando: a história e a atualidade do *documento*, os desafios comuns da Leitura da *Bíblia* no presente e futuro nas Igrejas, o fundamentalismo bíblico ainda muito presente nas Igrejas e a leitura orante como integração da fé e da vida.

O *agir* teve como enfoque a animação bíblica de toda a pastoral da Igreja, o desafio da *Bíblia* e os meios de comunicação social. De acordo com a assessora da Comissão Episcopal Pastoral para a Animação Bíblico-Catequética, Irmã Maria Aparecida Barbosa, faz-se necessário investir na formação bíblica das lideranças; fortalecer e intensificar a prática da leitura orante da *Bíblia* e da vida e sensibilizar as Conferências Episcopais para que, à luz da *Dei Verbum*, possa reconhecer e difundir a *Bíblia* como animação de toda a pastoral e uma articulação entre a Conferência Episcopal Latino-americana, Celam e Federação Bíblica Católica, FEBIC.

Semana do Migrante 2005

A Semana do Migrante de 2005, deste ano, de 12 a 19 de junho, abordou a temática da Campanha da Fraternidade. O Serviço Pastoral dos Migrantes, SPM, promoveu a Semana com o tema “Migrações, Solidariedade e Paz” e lema “Mensageiros de Justiça e de Paz”. No mundo atual, marcado por guerras, violências, exclusões e xenofobias, faz-se urgente buscar a paz de forma propositiva e ousada.

Ao se abordar o tema da paz, é preciso identificar as causas que provocam a violência que recai sobre os migrantes: expulsão da terra, desemprego, preconceito, superexploração, desvalorização, tráfico e contrabando de pessoas, falta de moradia, clandestinidade forçada, aliciamento e trabalho escravo, péssimas condições no trabalho e nos alojamentos. O mundo não é favorável ao migrante.

Na verdade, o fenômeno migratório aponta para a necessidade de se repensar a atual “desordem” mundial: em lugar da competitividade dos mais fortes, a solidariedade; em lugar da concentração, a repartição; em lugar do fechamento das fronteiras, instrumentos para uma cidadania universal.

O SPM acredita que a construção da Paz não se dará sem a participação dos migrantes. Em suas culturas, eles são portadores da

solidariedade, criando laços de amizade e paz.

A Semana do Migrante, deste ano, apontou para a Solidariedade que começa aqui e agora com projetos coletivos locais, políticas públicas, reforma agrária, distribuição de renda. Projetos ligados à geração de renda, capacitação, cultura, etc, provocam o encontro das pessoas, a melhoria do bairro, o enfrentamento direto dos problemas que afetam os migrantes.

Contato: (011) 6163.7064 ou spm.nac@terra.com.br

Novos números de telefone da CNBB



A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB, tem novos números de telefones. O telefone geral é: (61) 2103-8300 e o fax: (61) 2103-8303. Os telefones da Assessoria de Imprensa são: (61) 2103-8313/2103-8368/2103-8355 e o fax: (61) 2103-8338. Como se observa, para fazer as ligações, além do código da cidade (quando necessário), basta discar o prefixo 2103 + número interno do ramal desejado. Aos ramais foi acrescentado o número 8 antes do antigo número.

Pastoral da Criança




Foto: Zilda Arns - Arquivo 'O São Paulo'

trabalho da Pastoral foi inspirada na passagem evangélica da multiplicação dos peixes e dos pães operada por Jesus, que desafia os apóstolos diante da multidão faminta. As líderes comunitárias são capacitadas para multiplicar o saber e a solidariedade entre as famílias acompanhadas pela Pastoral.

'A convivência humana'

Há 23 anos, a Pastoral da Criança, fundada pela médica Zilda Arns, vence a mortalidade infantil, salvando da morte, a cada ano, cinco mil crianças e recuperando da desnutrição infantil mais de 150 mil. Tudo graças à dedicação dos líderes voluntários, cerca de 240 mil em todo o País. A Pastoral é uma transformação social. Em vez de dar alimentos, forma líderes, sendo que 92% são mulheres, no trabalho diário de educar as famílias para cuidarem melhor de seus filhos. Por meio da "celebração da vida" que acontece mensalmente, onde as crianças são pesadas e passam às mães noções de educação e saúde, de educação infantil e de promoção do desenvolvimento físico, mental e espiritual.

O trabalho da Pastoral começa com as gestantes, desde a concepção e é muito mais profundo. Leva-se em conta o contexto da criança, da família e da comunidade que tem muita influência no desenvolvimento infantil. A metodologia de

O arcebispo metropolitano de Porto Alegre, RS, d. Dadeus Grings, lançou no dia 1º/6, na Câmara Municipal de Porto Alegre, a Cartilha da Segurança intitulada: *A convivência humana*. Nela, o religioso pretende promover uma reflexão entre a população sobre os atuais problemas de segurança pública e os meios para controlá-los. Foram publicados três mil exemplares da obra, que possui 110 páginas e está à disposição nas livrarias católicas. Na cartilha, d. Dadeus afirma que a segurança é 'uma questão de convivência'. Para ele, solucioná-la dependeria da integração humana, por meio de debate e conscientização. 'A violência não tem causa única, portanto, não há solução única para ela', afirmou. O arcebispo ressaltou que a obra também visa a promover grupos de discussão entre os leitores. 'Ao final de cada capítulo, há uma série de perguntas para despertar a reflexão', explicou. 

- **Notícias da Igreja** 4
- **Uma Terra de paz e fraternidade** 6
Bento XVI
- **Solidariedade e Paz (CF'2005)** 7
- **Os jovens e o mundo** 9
J. B. Libânio
- **Corpos emancipados, mentes subjugadas** 10
Frei Betto
- **Você sente pena ou compaixão?** 12
Luís Erlin
- **A semente que cresce** 13
Camen Sílvia Machado Galvão
- **O encontrista e o divorciado** 14
Antônio Mesquita Galvão
- **Por um Diálogo Cultural entre o Islã e o Ocidente** 16
Jeremy Rifkin
- **A mulher que amou demais** 19
Maria Clara L. Bingemer
- **Prevenir e recuperar dependentes químicos** 20
Manoel Dias de Oliveira
- **A palavra é... Círio Pascal** 21
Luís Erlin
- **Direitos comunicativos de estudantes** 22
Francisco Gomes de Matos
- **Quem é Maria?...** 24
Etel Maria Pereira da Costa
- **Senhora dos Favores** 25
Roque Vicente Beraldi
- **Liturgia da palavra** 26
De 18 de setembro a 9 de outubro
Adelino Dias Coelho
- **...E eu não largo dele** 31
Antonio José Eça
- **Vamos cozinhar?!** 32
Yvone Barros Oliveira
- **Paz na TV** 33
Tina Glória

Uma Terra de paz e fraternidade

Bento XVI, ao receber, no Palácio Apostólico do Vaticano, em 12 de maio, todos os embaixadores do Corpo Diplomático, acreditado junto à Santa Sé, dirigiu-lhes um discurso, do qual extraímos alguns trechos:

“...Ao encontrar-me convosco, não posso deixar de recordar o longo e frutuoso ministério do estimado João Paulo II! Infatigável missionário do Evangelho nos numerosos países que visitou, ele prestou também um serviço único à causa da unidade da família humana. Indicou o caminho que conduz a Deus, convidando todos os homens de boa vontade a revigorar incessantemente a sua consciência e a edificar uma sociedade de justiça, paz, solidariedade na caridade e no perdão recíprocos. Também não nos podemos esquecer dos numerosos encontros com os chefes de Estado, com os chefes de Governo e com os embaixadores, aqui, no Vaticano, durante os quais se comprometeu na defesa da causa da paz.

Por meu lado, provenho de um país onde a paz e a fraternidade são muito queridas ao coração de todos os habitantes, sobretudo daqueles que, como eu, conheceram a guerra e a separação entre irmãos pertencentes a uma mesma nação, por causa de ideologias devastadoras e desumanas que, à sombra de sonhos ilusórios, fazia pesar sobre os homens o jugo da opressão. Por conseguinte, vós

compreendeis que sou particularmente sensível ao diálogo entre os homens, para vencer todas as formas de conflitos e de tensões, e para fazer da nossa Terra uma Terra de paz e fraternidade.

Todos juntos, conjugando os seus esforços, as comunidades cristãs, os responsáveis das nações, os diplomatas e todos os homens de boa vontade, são

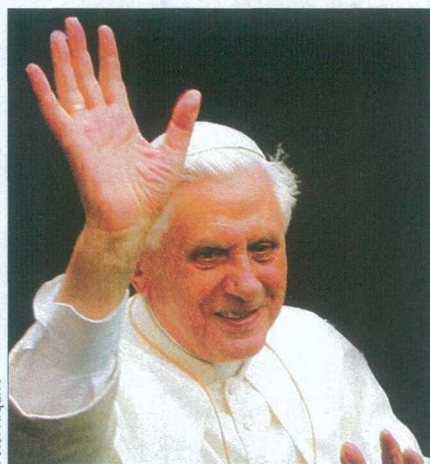


Foto: Arquivo

Cada povo deve haurir do seu patrimônio espiritual e cultural os valores melhores dos quais é portador, para ir sem receio ao encontro do próximo, aceitando disponibilizar as suas riquezas espirituais e materiais em benefício de todos

chamados a edificar uma sociedade pacífica, a fim de vencer a tentação de confrontos entre culturas, etnias e mundos diferentes. Para esta finalidade, cada povo deve haurir do seu patrimônio espiritual e cultural os valores melhores dos quais é portador, para ir sem receio ao encontro do próximo, aceitando

disponibilizar as suas riquezas espirituais e materiais em benefício de todos.

A fim de prosseguir neste sentido, a Igreja não cessa de proclamar e defender os direitos humanos fundamentais, que infelizmente ainda são violados em diferentes partes da Terra, e compromete-se para que sejam reconhecidos os direitos de todas as pessoas humanas à vida, à alimentação, a um abrigo, ao trabalho, à assistência no campo da saúde, à proteção da família e à promoção do desenvolvimento social, no respeito da dignidade do homem e da mulher, criados à imagem de Deus. Estai certos de que a Igreja Católica continuará, no âmbito e com os meios que lhe são próprios, a oferecer a sua colaboração para a salvaguarda da dignidade de todos os homens e ao serviço do bem comum. Ela não pretende privilégio algum para si, mas unicamente as condições legítimas de liberdade e de ação para a sua missão. No concerto das nações, ela deseja favorecer sempre o entendimento entre os povos e a cooperação fundada numa atitude de lealdade, discrição e cordialidade.

Por fim, peço-vos que renoveis aos vossos governos os meus agradecimentos pela sua participação nas celebrações por ocasião da morte do papa João Paulo II e da minha eleição, assim como as minhas saudações respeitadas e cordiais, que acompanho com uma oração especial, para que Deus vos cumule, a vós próprios e às vossas famílias, assim como aos vossos países e a todos os que neles residem com a abundância das suas bênçãos.”

Bento XVI

Solidariedade e Paz

Felizes
os que
promovem
a paz



Campanha da Fraternidade-2005 Ecumênica

A Campanha da Fraternidade, CF, deste ano está sendo realizada ecumenicamente pelo Conselho Nacional de Igrejas Cristãs, CONIC¹ e convida-nos à superação da violência e ao cultivo da paz mediante a solidariedade. Já em 2000, o CONIC tinha assumido a CF, também de maneira ecumênica, cujo tema foi: “Dignidade Humana e Paz” e o lema: “Novo Milênio sem exclusões”.

¹ No momento, sete Igrejas são membros plenos do CONIC: Igreja Católica Apostólica Romana, Igreja Cristã Reformada, Igreja Episcopal Anglicana, Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, Igreja Metodista, Igreja Ortodoxa Siriana do Brasil, Igreja Presbiteriana Unida.

OS CAMINHOS DA PAZ EM NOSSO TEMPO

A Humanidade tem convivido com a violência e até com verdadeiros massacres, como foram as guerras de conquista, a colonização da América, dizimando as populações nativas, ou as guerras mais recentes. Há, na sociedade contemporânea, até um risco para a sobrevivência do Planeta e da Humanidade. A tecnologia, que deve estar a serviço da vida, muitas vezes gera situações ameaçadoras. No entanto, há também um progresso na consciência coletiva, que valoriza os direitos humanos e possibilita ações, movimentos, esforços importantes em favor da paz. Olhemos esse cenário de luzes e sombras, no mundo e no nosso país.

Relações internacionais

Os povos têm cedido quase sempre à tentação da guerra como solução ilusória de situações conflitivas. Ainda no século XX, apesar de todo o progresso, vimos terríveis manifestações da tendência a banalizar o massacre. Conhecemos as tragédias das duas guerras

No mundo, a cada sete segundos, morre uma criança de fome. Calcula-se que, a cada dia, 100 mil pessoas morram de fome ou de suas conseqüências e o número de seres humanos com carências alimentares chegue a 840 milhões. Entre eles, 27 milhões pertencem a países em transição e 11 milhões, a países desenvolvidos.



Foto: Arquivo

mundiais, dos diferentes sistemas totalitários, a violência do terrorismo e a da retaliação que quer combatê-lo. Contemplamos conflitos tribais que usam crianças como soldados, conflitos étnicos na Europa Central, israelenses e palestinos se matando mutuamente, países que possuem um enorme arsenal nuclear e afirmam que outras nações serão uma “ameaça” se fizerem o mesmo.

No mundo, a cada 7 segundos, morre uma criança de fome. Calcula-se que, a cada dia, 100 mil pessoas morram de fome ou de suas conseqüências e o número de seres humanos com carências alimentares chegue a 840 milhões. Entre eles, 27 milhões pertencem a países em transição e 11 milhões, a países desenvolvidos. A subnutrição crônica, quando não conduz à morte física, implica freqüentemente uma mutilação grave. Dados e reflexões semelhantes podem ser oferecidos com relação a saúde, moradia, educação, trabalho.

O Planeta também corre riscos e sofre agressões. Cuidar do Planeta não é atitude romântica de ecologistas que amam belas paisagens ou preocupação de cientistas alarmados sobre o futuro

da Terra. É uma necessidade básica para a nossa sobrevivência. O Planeta também precisa da solidariedade da humanidade inteira.

Como Igrejas, reconhecemos que a religião muitas vezes atua como fator de violência cultural. Na história da humanidade, as conquistas territoriais e as colonizações de povos e culturas foram sem dúvida ações violentas. Não houve cuidado em respeitar crenças e tradições religiosas das populações conquistadas. Páginas tristes da história religiosa do mundo retratam intolerância, conquista espiritual, perseguição, destruição de pessoas e culturas. Ainda hoje, assistimos a muito desrespeito à crença alheia, chegando por vezes à destruição de símbolos religiosos e ao ataque sistemático, com violação de direitos e muito preconceito. Muitas vezes, as Igrejas cristãs não estiveram à altura da missão de ser sinal do amor de Deus que não exclui ninguém. A própria desunião das Igrejas é um contratestemunho.

Por outro lado, vemos o emergir de pessoas, grupos, instituições em favor da paz e de métodos não-violentos para conseguir igualdade, justiça, garantia de direitos e preservação da vida humana e do Planeta. Nasce uma "cultura da paz" nas brechas de uma sociedade violenta.

Em favor da paz...

• **Ações contra a corrida armamentista:** o mundo começa a ficar indignado. Surgem instituições em defesa da paz em muitos países. Essas instituições fazem pesquisas e divulgam dados que têm impacto sobre a opinião pública mundial. Por exemplo:

Para cada dólar que a ONU gasta em missões de paz, o mundo investe 2.000 dólares em guerra; em 1997 foram gastos 740 bilhões de dólares em armas, o que representa um milhão e 400 mil dólares por minuto.

Esses e outros dados alimentam uma indignação nova, com a população mundial sendo convidada a tomar posição. Se os dados são negativos, a reação a eles é um começo de mobilização importante. As armas nucleares, que ameaçam o Planeta inteiro, também vêm encontrando opositores organizados, que promovem campanhas pelo desarmamento, até naqueles países que se impõem aos outros pela força do seu arsenal. Na Europa e nos Estados Unidos

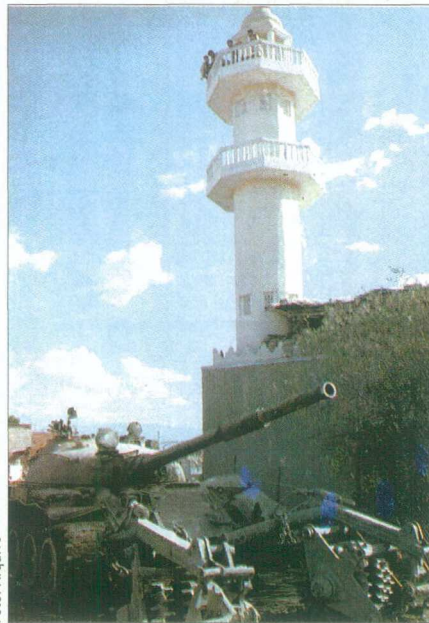


Foto: Arquivo

Como Igrejas, reconhecemos que a religião muitas vezes atua como fator de violência cultural. Na história da humanidade, as conquistas territoriais e as colonizações de povos e culturas foram sem dúvida ações violentas. Não houve cuidado em respeitar crenças e tradições religiosas das populações conquistadas.

há um movimento intenso contra a indústria armamentista e gastos militares, que se expressa em campanhas para a redução do orçamento voltado para objetivos bélicos, contra o comércio de

armas (liderada pela Anistia Internacional) ou para propor que os prejuízos da guerra sejam pagos pela indústria de armamentos.

• Campanha Internacional para a Eliminação das Minas Terrestres:

começou a ser articulada a partir do início da década de 90 e hoje reúne mais de 1.500 entidades; quer limpar o mundo da existência de 110 milhões de minas ocultas sob o solo, restos de guerras, responsáveis por cerca de 55 mil vítimas anuais.

• **Controle de armas químicas e biológicas:** envolvendo especialmente entidades de cunho ecológico, como o *Greenpeace*.

• **Movimento pela objeção de consciência:** em várias partes do mundo cresce a percepção do direito de alguém se recusar a participar de guerra ou a se engajar em serviço militar. Na Argentina, por exemplo, o movimento pacifista obteve recentemente o fim do serviço militar obrigatório. A guerra perde aquele apelo de ato heróico e vai passando a ser vista pelo seu lado trágico e desumano. O dever de defender a Pátria começa a ser sentido como um convite a uma ação pacífica que promova o bem de todos.

• **Solidariedade aos povos em conflito:** a preocupação é prevenir e resolver conflitos através de negociação, alerta prévio, ajuda humanitária. Grupos organizados nessa direção têm ganho o apreço da opinião mundial. É o que acontece, por exemplo, com as organizações: Brigada Internacional da Paz, Médicos sem Fronteiras, Clamor pelo Timor (um grupo brasileiro que apóia a autodeterminação do Timor Leste).

• **Educação para a paz:** uma Campanha Mundial de Educação para a Paz foi lançada em Haia, Holanda, em 1999.

(Texto-base da CF'2005- Ecmênica)



J. B. Libânio

Os jovens e o mundo

As sociedades tradicionais conseguiram uniformizar grandemente as mentalidades. Eram regidas por poucas autoridades que ditavam os valores, as normas, as verdades.

A modernidade, e mais ainda a pós-modernidade, caracterizam-se pela fragmentação. Coexistem, num mesmo espaço geográfico e de tempo, ideologias, formas culturais, tipos os mais diversos de pessoas. Os jovens não fazem exceção.

Nos bancos da escola e da Igreja, assentam-se aqueles que refletem o universo sereno e religioso de um catolicismo tradicional. Sentem-se bem ao praticar a religião de maneira piedosa e fiel. Mantêm um comportamento moral segundo as normas tradicionais da Igreja. Estão nos movimentos de Igreja rezando, cantando, participando. Com sua alegria e pureza, traduzem um mundo diferente do que se impõe cada vez mais. Conseguem sem repressão e sem ressentimento conservar a própria visão humana, familiar e religiosa, mesmo em oposição à mentalidade dominante nos seus colegas.

O jovem moderno

A seu lado no mesmo banco, com olhar diferente, está o jovem moderno. Descobriu sua subjetividade, autonomia. Sonha construir a própria realidade. Muitos são atraídos pela trilogia que os americanos forjaram: *point, job, money* – nota boa na escola, bom trabalho e muito dinheiro. São fotocópias tupiniquins da matriz maior americana. Sonham com um futuro hollywoodiano de carro bonito, profissão de prestígio e de



Foto: Arquivo

muito dinheiro. Mas isso é alcançado por uma formação acadêmica excelente e por trabalho duro. É o jovem moderno. São os candidatos a executivos de grandes empresas transnacionais que com altos salários levam uma vida de cão em troca de prestígio e dinheiro. Depois vem o resto. Muitos agüentam tal vida alguns anos. Procuram ganhar neles o dinheiro suficiente para depois levar uma existência mais humana. Não faltam os que migram para mercados mais generosos nos salários em outros países.

Esse jovem *yuppie* (que gasta sua renda em atividades e artigos a preços astronômicos) está aí, em minoria, mas presente. Frequenta as melhores escolas e universidades. É um círculo. De cursos

médios exigentes e elitistas passa aos cursos superiores de maior gabarito.

Outro jovem moderno

Situa-se entre os dois tipos anteriores, um outro jovem moderno. Idealista, militante, corajoso, ele quer mudar o mundo. Compromete-se socialmente até o extremo. Visita os segmentos políticos mais engajados. Faz parte de movimentos humanistas. Entra de corpo e alma na luta pela ecologia. Se é mulher, engaja-se no movimento feminista. Sonha com um mundo pacífico. Insere-se em toda mobilização contra a guerra. Sensível aos direitos humanos, combate em sua defesa. Interessa-se pela demarcação das terras indígenas. Se é negro, milita no Movimen-

to de Consciência Negra. Enfim, transvaza idealismo. Se está na Igreja, assume missões de férias, trabalha pastoralmente nas periferias, protagoniza iniciativas sociais na paróquia. É o melhor que temos.


O jovem nem um nem outro

Outro tipo jovem cansou-se das duas faces da modernidade. Não quer submeter-se ao regime do estudo, trabalho e dinheiro. Para quê? se, aos quarenta anos, um enfarto leva tudo embora. Desanimou dos compromissos sociais. Os fracassos nesse campo não foram menores. O mundo piorou socialmente depois de tanta luta. E então por que lutar? Alguns acreditaram em dado momento na transformação política. Derrotas eleitorais ou decepção com os vencedores, levou-os ao ceticismo político.

O jovem espiritualista

Um grupo voou para o espiritualismo. Frequenta uma das formas carismáticas que pululam no momento. Realiza-se no canto, nas orações, nos aleluias. A afetividade expande-se no grupo com colegas do mesmo gosto. Alguns conseguem articular esse momento espiritualista com algum compromisso. Outros o vivem quimicamente puro.

O jovem pós-moderno

Está surgindo por aí uma outra reação à modernidade. É o jovem pós-moderno. É um cansado precoce. Enjoou de viver. Tem cara de feijão azedo, mascarando chiclete, com olhar embaçado. Caminha sonolento pela vida. Só existe o presente. Dele não se pode esperar nada, se assim permanecer. Esses tipos se misturam no cotidiano das Igrejas e das escolas. Pastores e pedagogos são desafiados a encontrar uma palavra que fale a todos conforme sua capacidade de ouvir e entender a fim de levá-los a uma vivência cidadã e de fé coerente. 

J. B. Libânio é professor e diretor da Fac. de Teologia do Centro de Estudos Superiores dos Jesuítas (CES), Belo Horizonte, MG.

Corpos Frei Betto emancipados, mentes subjugadas



Tente pensar diferente da monocultura que nos é imposta via programas de entretenimento! Se a sua filha de 20 anos disser que permanece virgem, isso soará como ridículo anacronismo; se aparecer no *Big Brother* transando via satélite para o onanismo visual de milhões de telespectadores, isso faz parte do show.

A indústria cultural, tão bem dissecada pela Escola de Frankfurt, Alemanha, retarda a emancipação humana ao introduzir a sujeição da mente no momento em que a humanidade se livrava da sujeição do corpo. É longa a história da sujeição do corpo, a começar pela escravidão que durou séculos, inclusive no Brasil, onde foi considerada legal e legítima por 358 anos.

Não apenas escravos tiveram seus corpos sujeitados. Também mulheres. Faz menos de um século que elas inicia-

ram o processo de apropriação do próprio corpo. A dominação sofrida pelo corpo feminino era endógena e exógena.

Endógena porque a mulher não tinha nenhum controle sobre o seu organismo, encarado como mera máquina reprodutiva e, com frequência, demonizado.

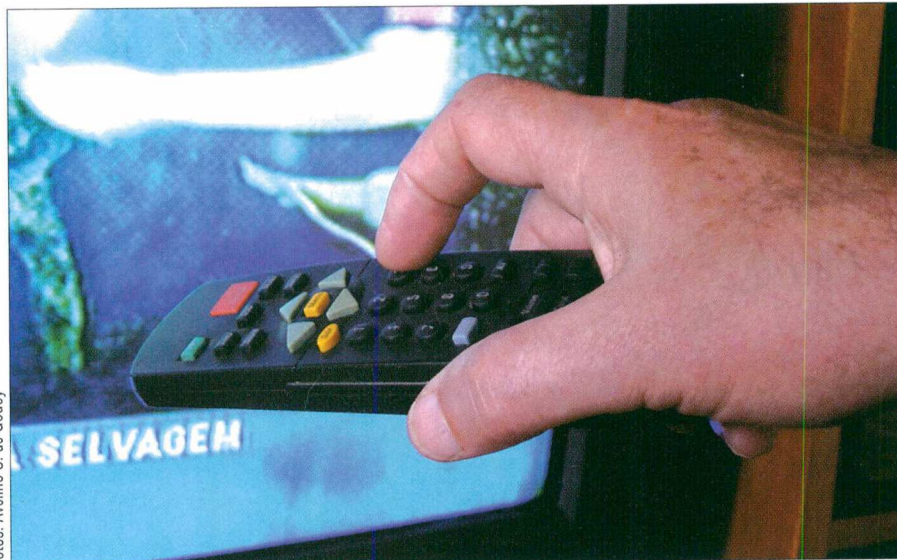
Exógena pelas tantas discriminações sofridas, da proibição de votar à castração do clitóris (África), da obrigação de encobrir o rosto em países muçulmanos à exibição pública de sua nudez como isca publicitária nos países capitalistas de tradição cristã.

No momento em que o corpo humano alcançava sua emancipação, a indústria cultural introduziu a sujeição da mente. A multimídia é como um polvo cujos tentáculos nos prendem por todos os lados. Tente pensar diferente da monocultura que nos é imposta via programas de entretenimento! Se a sua filha de 20 anos disser que permanece virgem, isso soará como ridículo anacronismo; se aparecer no *Big Brother*, transando via satélite para o onanismo visual de milhões de telespectadores, isso faz parte do show.

O processo de sujeição da mente utiliza como chibatas o prosaico, o efêmero, o virtual, o fugidivo. E detona progressivamente os antigos valores universais. Ética? Ora, não deixe escapar as chances de ter sucesso e ficar rico, desde que sua imagem não fique mal na foto... Agora, tudo é descartável, inclusive os valores. E todos somos impelidos à reciclagem perpétua — na profissão, na identidade, nos relacionamentos.

Nossos pais aposentavam-se num único emprego. Hoje, coitado do profissional que, ao oferecer-se a uma vaga, não apresentar no currículo a prova de que já trabalhou em pelo menos três ou quatro empresas do ramo! Eis a civilização intransitiva, desistorizada, convencida de que nela se esgota a evolução do ser humano e da sociedade. Resta apenas dilatar a expansão do mercado.

A tecnologia multimídia sujeita-nos sem que tenhamos consciência dessa escravidão virtual. Pelo contrário, oferece-nos a impressão de que somos “imperadores de poltrona”, na expressão cunhada por Robert Stam. Temos tanto “poder” que, controle à mão, pulamos velozmente de um canal de TV a outro, configurando a nossa própria programação.



Fotos: Avelino S. de Godoy

A tecnologia multimídia sujeita-nos sem que tenhamos consciência dessa escravidão virtual. Pelo contrário, oferece-nos a impressão de que somos “imperadores de poltrona”, na expressão cunhada por Robert Stam. Temos tanto “poder” que, controle à mão, pulamos velozmente de um canal de TV a outro, configurando a nossa própria programação. Já não estamos propensos a suportar discursos racionais e duradouros. Pauta-nos a vertiginosa velocidade tecnológica, que nos mantém atrelados às conveniências do mercado.

Nossa bóia de salvação reside, felizmente, na observação de Jean Baudrillard, de que o excesso de qual-

quer coisa gera sempre o seu contrário. É o caso da obesidade. O alimento é imprescindível à vida, mas em excesso afeta o sistema cardiovascular e produz outros defeitos colaterais.

Há tanta informação que preferimos não mais prestar atenção nelas. A comunicação torna-se incomunicação. Ou “comunicassão”, pois *cassa*-nos a palavra, tornando-nos meros receptores da avassaladora máquina publicitária.

Essa sujeição da mente vem no bojo da crise da modernidade que, desmistificada pela barbárie — duas guerras mundiais, a incapacidade de o capita-

lismo distribuir riquezas, o fracasso do socialismo soviético, etc. — passa a rejeitar todos os “ismos”. Os espaços da expressão da cidadania, como a política e o Estado, caem em descrédito.

Tudo e todos prestam culto a um único soberano: o mercado. É ele a Casa Grande que nos mantém na senzala do consumo compulsivo, do hedonismo desenfreado, da dessolidariedade e do egoísmo. Felizmente iniciativas como o Fórum Social Mundial rompem o monolitismo cultural e abrem espaço à consciência crítica e a novas práticas emancipatórias.

Frei Betto é escritor, autor da biografia de Jesus “Entre todos os homens” (Ática), entre outros livros.



Foto: Eduardo Russo

Você sente pena ou compaixão?

Elaborado por **Luís Erlin**

Na hora dos avisos, num grupo de reflexão, a coordenadora comunica que uma família de um bairro próximo estava passando muita dificuldade: — *perderam tudo, a casa deles pegou fogo.* Todos manifestaram surpresa: — *Pobre gente! — Coitados! — Que sofrimento!*

Essas expressões povoaram a sala depois da notícia.

Uma senhora saindo do encontro foi logo para sua casa contar a novidade aos seus. — *Que pena sinto daquela família, imaginem... Perder tudo, ainda mais neste tempo de inverno, eles devem estar sofrendo muito! Que dó!*

Dez minutos depois, a mulher penalizada estava diante da televisão assistindo a novela, comendo pipoca e enrolada num cobertor. A pena foi levada como que pelo vento.

Um jovem, ao chegar em sua casa, também conta a tragédia para a mãe e os irmãos, imediatamente eles juntam um pouco de comida e roupas e vão todos visitar a família, acolhida pelos vizinhos. Demonstram solidariedade, consolam, se colocam à disposição e começam com outros a fazer um grande mutirão de ajuda.

Um mesmo fato, duas atitudes bem diferentes!

No primeiro caso, a mulher sentiu pena, dó, aquilo que geralmente sentimos quando vemos alguém sofrendo. Esse sentimento não leva à ação... simplesmente alivia nossa consciência. Quando dizemos: — *coitadinhos!*, mentalizamos que somos bons, que sentimos dó dos que sofrem. Porém, nenhuma atitude concreta é realizada. O necessitado fica lá com sua dor, e nós ficamos aqui nos iludindo que somos bons, pois pedimos a Deus por ele.

O jovem não sente pena, vai além do sentimento barato. Ele sentiu compaixão, por isso agiu.

Na Sagrada Escritura, a diferença entre um sentimento e outro é relatado por Jesus na parábola do Bom Samaritano (cf. Lucas 10,25-37; Mateus 22,34-40; Marcos 12,28-34).


O sacerdote atrasado para os seus ofícios religiosos, passa pelo caminho, vê o homem agonizando no chão, e com certeza deixou escapar: — *pobrezinho!* Mas passou

adiante. O levita que também andava por aqueles lados, ao vê-lo, pensou: — *Deus guarde esse coitado!* E se foi.

Os dois sentiram pena.

Diz o texto que um samaritano viajava, chegando àquele lugar, viu-o e moveu-se de compaixão. Mover-se em direção ao necessitado, essa é a diferença. A compaixão nos arranca de nosso individualismo, nos faz tocar a pessoa, chorar com ela e dizer que iremos ajudá-la, que somos solidários à sua dor, que estamos ali, que ela não está sozinha...

Em nenhum momento, os evangelhos falam que Jesus foi tomado pelo sentimento de pena. Jesus nunca ficou alheio ao sofrimento do outro. Um exemplo claro é quando encontra a viúva de Naim que levava o filho único para ser sepultado: *Vendo-a o Senhor, movido de compaixão para com ela, disse-lhe: “Não chores!”* (Lc 7,11-17). Todas as ações de Jesus foram motivadas pela compaixão que ele sentia pela humanidade. *Vendo a multidão, ficou tomado de compaixão, porque estava enfraquecida e abatida como ovelhas sem pastor* (cf. Mt 9,35-38; Mc 6,34). No evangelho de Marcos essa mesma citação é acompanhada pela primeira multiplicação dos pães – consequência de sua compaixão.

Que o Senhor se compadeça de nós, converta nosso sentimentalismo estéril em atitudes que gerem vida. Deixemos a dó hipócrita de lado e abracemos a compaixão solidária. 

Cartas ao pe. Luís Erlin

Agradeço a sinceridade de seu artigo (“Sou Testemunha do Beijo de Deus”, AM de Abril, p. 14) que foi a luz para me guiar enquanto também estava em conflito quanto à minha fé. É bom saber que outras pessoas tão próximas de Deus por suas missões evangélicas também têm suas horas de conflitos. Tudo que li me fez enxergar milagres presentes, mas ocultos à minha visão. Sentia-me realmente sepultada e quando abri a revista Ave Maria foi a sua página que parei para ler. Um abraço, Cristiane.

Meu nome é Laerte e trabalho no CESJ (Centro Educacional São José) na cidade de São Paulo. Fiquei muito sensibilizado com o seu artigo “Sou Testemunha do Beijo de Deus”, é uma grande verdade mesmo, Deus revela seus milagres nas pequenas coisas. Um abraço, Laerte.

A semente que cresce

Carmen Sílvia Machado Galvão



E Jesus continuou dizendo: *O Reino de Deus é como um homem que espalha a semente na terra. Depois ele dorme e acorda, noite e dia, e a semente vai brotando e crescendo, mas o homem não sabe como isso acontece. A terra produz fruto por si mesma: primeiro aparecem as folhas, depois a espiga e, por fim, os grãos enchem a espiga. Quando as espigas estão maduras, o homem corta com a foice, porque o tempo da colheita chegou* (Marcos 4, 26-29).

homem seja o dono da terra e articulador da semente, a vitalidade está inserta na semente, cujo mistério energético, mesmo estando atento aos efeitos, ele desconhece. Essa vitalidade ocorre de acordo com critérios e ritmos próprios, pois Deus e a natureza agem sempre.

A semente vai crescendo

No contexto que a parábola quer ensinar, o trecho não relata uma mera atividade agrícola, mas busca retratar a realidade da eclosão do Reino dos céus no mundo quando a Palavra de Deus é colocada no interior do ser humano. Semeado no coração do homem, o Evangelho cresce por causa da força de Deus que há nele. Há aqui todo um processo de vitalidade e dinamismo, gerador de vida nova. Tal afirmação, nitidamente colocada dentro do terreno das realidades espirituais, nos leva a crer que por mais bem feita que seja a semente do Evangelho, feita por pessoas humanas, a última palavra, o *crescimento*, esse será obra de Deus. Trata-se de um mistério de Deus, que prepara o homem, deixando-o apto a toda a obra divina. O fato acontece mas suas razões intrínsecas (por serem mistério) fogem de nossa compreensão.

Causas sobrenaturais

O Reino não cresce e se avoluma por causa do esforço humano. É preciso deixá-lo crescer espontaneamente, com naturalidade. O entendimento do mistério é complexo, tanto assim que, na parábola, Jesus afirma: *...mas o homem não sabe como isso acontece* (v.27b). Em *o tempo da colheita* há um componente nitidamente escatológico (que se refere ao destino final do homem).

Afeito às coisas materiais, o ser humano descuida-se, muitas vezes, da visão espiritual, perdendo, em muitos casos, o contato com as coisas de Deus. Assim como ele julga que as sementes na terra crescem ao acaso, do mesmo modo, em muitas >>>



Fotos: Arquivo

Curiosamente, a história da *semente que cresce*, é encontrada apenas no evangelho de Marcos, e funciona como uma introdução à parábola do grão de mostarda (vv. 30ss). Embora o texto seja pequeno em tamanho, seu conteúdo é denso. Fiel ao gênero literário *mashal* (ensinamento mediante comparações), suscetível a várias interpretações, ele apresenta-se com um desenvolvimento progressivo que retrata, preliminarmente, as rotinas de um homem do campo. Lançar as sementes no chão é a característica do processo de plantio. O agricultor joga a semente na terra e vai viver sua vida, preocupar-se com outras coisas, pois sabe que a união da semente com a terra é capaz de produzir uma simbiose notável. A produção de verdes e ervas a partir da terra vem descrita desde o evento da criação (cf. Gênesis 1,11) como algo automático. Embora o

O encontrista e o

Antônio Mesquita Galvão

A vida cristã, seja ela pessoal ou comunitária, às vezes escorre para o lado surrealista, onde é possível notar-se algumas incoerências, algum tipo de espiritualidade, mais de fachada do que de conteúdo ou profundidade.

Falando na ONU em 1965, o Papa Paulo VI afirmou que a Igreja precisava de qualidade e não de quantidade, que era preciso o concurso de "cristãos maciços" para levar adiante a tarefa da evangelização. Essa advertência ainda ressoa em nossos ouvidos. Um cristão maciço é o oposto de um cristão oco. Pelo menos é o que me parece...

Uma parábola...

Em um domingo desses, fim do ano passado, deparei-me, na liturgia, com aquela parábola do "fariseu e do publicano" (Lucas 18,9-14), conhecida de todos, onde dois homens vão ao templo para orar. Um era fariseu, alguém que se julgava da elite da religião judaica, mestre e *kadosh* (santo), por excelên-

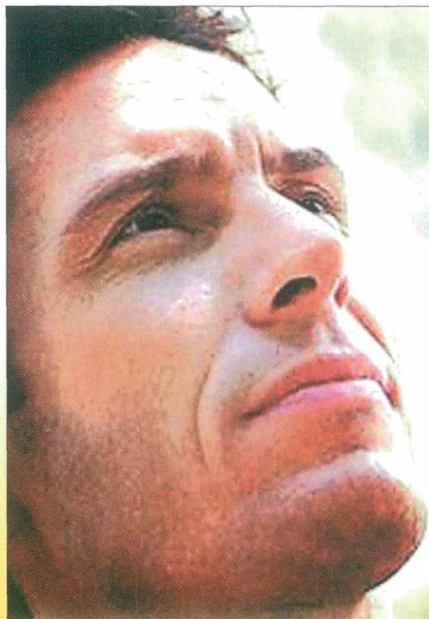


Foto: Arquivo

cia. O outro, um *publicano* (cobrador de impostos), considerado pelos religiosos, como pecador público, pois cobrava os tributos para o invasor romano, quando a Lei estatuiu que todo o imposto era devido a Javé, devendo ser pago ao cofre do templo. Assim, colocados lado-a-lado no templo, um se julgava santo, desfazendo do outro, execrado como pecador e definitivamente condenado. O fariseu rejeita a justiça com a mesma intensidade que se julga superior ao outro. A parábola é de uma atualidade cristalina...

A crítica

A finalidade de uma *parábola* é fazer a gente pensar através de uma analogia. Ela, em geral, estabelece a crítica sobre um assunto ou atitude. Pois recorde, há tempos, que um amigo, um padre-religioso, pessoa de rara inteligência e admirável senso-crítico, fez como que uma paródia da parábola, estabelecendo uma crítica ao comportamento de determinados cristãos, às vezes ociosos em sua espiritualidade. A paródia, que se chamou "*O encontrista e*

>>> (continuação da página 13) oportunidades, não vê a providência divina fazendo o evangelho do Reino crescer e expandir-se no mundo.

Uma força irresistível

A missão de Jesus, está claro, é irresistível. Nada pode detê-la. Ela é portadora do Reino e daquela transformação que ocorre nas pessoas e nas estruturas quando o Reino é acolhido. A ação de Jesus, como o germinar das sementes na

terra, cresce e produz frutos de uma forma irresistível. Nada pode detê-la. Mas como falar em algo irresistível, se o Evangelho ainda não é vivido nem conhecido em todo o mundo? Teria Jesus fracassado em sua missão? Ou é porque nós, seus agentes e multiplicadores ainda não soubemos levá-lo com eficácia *até os confins da terra* (cf. Atos dos Apóstolos 1,8)? Há que se estabelecer critérios de avaliação quanto aos nossos procedimentos, como cristãos, pessoas individuais, como Igreja,

como comunidade. Um dos mandamentos de Jesus é que se façam discípulos a todos os povos (cf. Mateus 28,19s). Ora, embora se cumpram outros, este é um dos que nós mais descuidamos. A semente do Reino é excelente, o que às vezes falha é a maneira como semeamos ou a falta de vigilância com o campo onde a Palavra foi plantada. Embora seja Deus quem dê o crescimento à semente, nossa missão é vigiar todos os estágios, do plantio à colheita, da escolha da terra ao arma- >>>>>>

divorciado

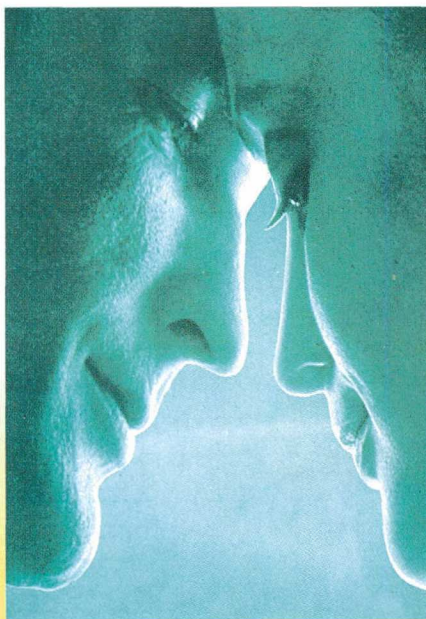
o divorciado”, da qual fiz a adaptação que minha memória permitiu, era mais ou menos assim...

A outra parábola...

“Dois homens foram à igreja para rezar: um era encontrista, pertencente a um desses movimentos de leigos; o outro não tinha acesso a essas associações, pois era divorciado e havia casado de novo. O encontrista, de pé, no primeiro banco, olhos fitos no sacrário, rezava assim em seu íntimo: ‘Ó Deus, eu te agradeço porque não sou como os outros homens, ladrões, desonestos, adúlteros, nem como aquele divorciado lá no fundo da igreja. Eu jejuo na quarta-feira de cinzas e na sexta-feira santa; pago regularmente meu dízimo, acompanho procissões com minha fita no pescoço, vou a todas as atividades de meu Movimento, frequento semanalmente minha ‘reunião de grupo’ ou ‘pós-encontro’, fiz vinte e cinco anos de casado, celebrei com uma missa... O divorciado, lá no fundo da igreja, ajoelhado, ficou à distância, e nem se atre-


via a levantar os olhos para o sacrário. Só batia no peito, dizendo: ‘Meu Deus, tem piedade de mim que sou um pecador! Meu casamento não deu certo

A finalidade de uma parábola é fazer a gente pensar através de uma analogia. Ela, em geral, estabelece a crítica sobre um assunto ou atitude.



e eu casei de novo... vivo decentemente com a minha mulher...’. Pois eu vos digo: este último voltou para casa justificado, o outro não. Pois quem se eleva será humilhado, e quem se humilha será elevado”.

Explicando a outra parábola...

Não se quer dizer aqui, e tenho certeza de que não foi a intenção do autor, que quem participa de atividades da Igreja está errado. Eu pertenço/pertenci a movimentos, como Movimento Familiar Cristão, MFC, Equipe de Casais Cristãos, ECC, Emaús e Cursilhos... A tentativa do texto é chamar a atenção contra aquela tentação, pretenciosa às vezes, arrogante em outras, de cristão salvo, só porque pertence a essa ou àquela atividade, exerce esse ou aquele ministério, ou ajuda na “diretoria” da paróquia ou, ainda, porque não mata, não rouba nem comete adultério. O fariseu podia ter bons propósitos de santidade, mas esqueceu a humildade, pecou contra a caridade, julgando o irmão. É como o cristão que ostenta no seu carro um adesivo de atividade religiosa (ou um “eu sou católico”) e se esquece de repartir, acolher e perdoar. 

Antônio Mesquita Galvão, teólogo leigo, doutorando em Teologia Moral. kerygma.ag@terra.com.br

>>>>> zenamento adequado. Nós somos responsáveis pelos bens que Deus nos confiou.


Jesus procura frutos

A colheita dos frutos maduros, referida em boa parte das Escrituras (cf. Joel 4,13; Apocalipse 14,15s) traz consigo uma idéia de decisão, de situação-limite, de julgamento. A expressão que se refere ao tempo adequado à colheita, denota a dinâmica que o Reino possui, uma força

que produz seu desenvolvimento, capaz de conduzi-lo até sua realização plena. Sob a interpretação escatológica, colher significa comparar, julgar se os objetivos foram atingidos, se o projeto está cumprido. Uma colheita fora dos padrões não serve para nada. Tem que ser jogada fora.

No santuário do coração

No terreno pastoral, o significado da colheita aponta para a busca dos frutos. A semente-palavra foi jogada na terra-

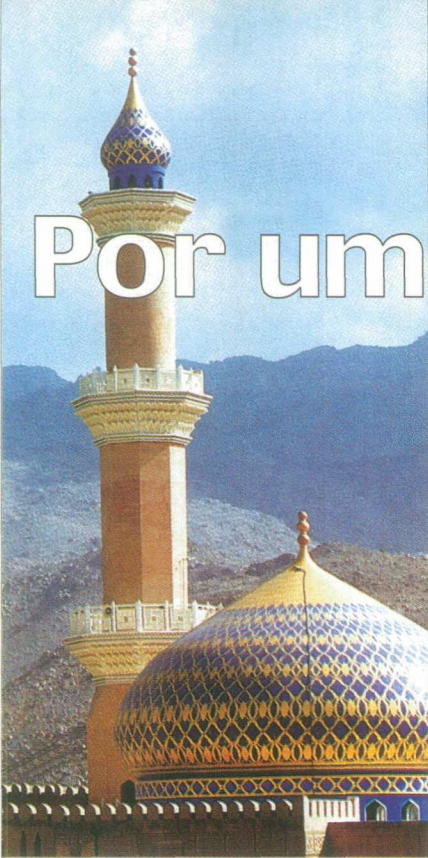
coração que, como um santuário, prepara-se para doar o fruto-amor. Esta é a proposta do Reino. O semeador é Cristo que anuncia o Reino. Também podem ser vistos como ajudantes da sementeira, os apóstolos, os discípulos, os cristãos de todos os tempos que anunciam a boa notícia. O Reino, uma vez semeado, cresce pela graça de Deus. 

Carmen Sílvia Machado Galvão é teóloga leiga, biblista e escritora.

Por um

Diálogo Cultural

Jeremy Rifkin



Mesquita de Nizwa, na península arábica.

Devo confessar uma coisa: antes do ato de terrorismo contra as torres gêmeas, em Nova Iorque, EUA, em 11 de setembro de 2001, eu não sabia muita coisa a respeito do mundo muçulmano. Ainda que me envergonhe em admiti-lo, a verdade é que nunca prestei muita atenção ao Islã. Tinha, como todo mundo, um conhecimento superficial da luta histórica no Oriente Próximo entre Israel e seus vizinhos árabes. Sabia algo da Organização dos Países Exportadores de Petróleo, OPEP, e da luta com o Ocidente por causa do petróleo. E, evidentemente, acompanhava os movimentos do Iraque, Irã, Arábia Saudita, Líbia, Síria e sua longa relação com o Ocidente, era praticamente um ignorante.

Infelizmente, para despertar meu interesse a respeito do mundo muçulmano foram necessárias as mortes de quase 5 mil americanos. Como muitos outros, desde então, comecei a ler sobre o Islã, seus dogmas, suas lutas internas, seu marco de referência, suas contradições, suas clarividências e suas imperfeições, suas profundas semelhanças e diferenças com o cristianismo e com o Ocidente. Algumas coisas que estou aprendendo sobre o Islã me dão esperança para o futuro, entretanto outras me fazem sentir medo.

Evidentemente, não sou eu o único. A indústria editorial informou que houve muita procura de livros sobre o Islã. Com frequência, livros dedicados ao Islã têm encabeçado a lista dos mais vendidos do *The New York Times*.

O Alcorão alcançou um sucesso de vendas, e as estantes das bibliotecas foram esvaziadas por milhões de pessoas que passaram a estudar os fundamentos do Islã. E o que aprendemos não diz respeito só ao Islã, mas sobre nós mesmos.

Realidades diferentes

Primeiro, temos que levar em consideração que a realidade difere da nossa em alguns aspectos fundamentais. Chegamos a aceitar ao pé da letra que nossa forma de vida é a norma universal. Vemos o mundo a partir de uma perspectiva ocidental e estamos orgulhosos de nossas grandes conquistas, ainda que estejamos conscientes de nossas limitações. Não podemos imaginar que haja alguém que não deseje a nossa forma de vida. Portanto, para nós, essas pessoas ou bem não existem ou, se existem, possuem uma forma de

Não podemos imaginar que haja alguém que não deseje para si a nossa forma de vida. Portanto, para nós essas pessoas ou bem não existem ou, se existem, possuem uma forma de pensar que é tão alheia que não podemos admitir sua presença entre nós.

pensar que é tão alheia que não podemos admitir sua presença entre nós. O resultado é que os rejeitamos. Para todos os efeitos práticos, “eles” os “outros” não contam.

Ao longo destes últimos quatro anos, ouvi continuamente os intelectuais muçulmanos utilizarem a palavra “humilhação” para descrever como se sente um grande número de muçulmanos. É interessante, porque “humilhação” é um vocábulo profundamente cultural que penetra muito mais que termos políticos



Fotos: Rev. Popoli

Shirin Ebadi, Nobel da Paz em 2003, pela luta da situação das mulheres e crianças no Irã.

entre o Islã e o Ocidente

ou econômicos como “empobrecido” ou privado do direito ao “voto”.

Sentir-se humilhado é negar a alguém consideração e respeito.

O que aconteceria se dirigíssemos nossa atenção para o centro da gravidade do mundo muçulmano e fizéssemos um convite ao diálogo cultural entre o Islã e o Ocidente?

Há muitas perguntas que temos para fazer um ao outro. Por exemplo: o que pensa a maioria dos muçulmanos dos valores que para nós são mais queridos, como a liberdade civil, a participação democrática e a igualdade dos sexos? Gostaria de saber se a maioria dos muçulmanos aceitaria viver num mundo pluralista, com respeito às religiões, crenças e modos de vida diferentes do seu. Por outro lado, é provável que muitos muçulmanos queiram também fazer perguntas a nós como: por que estamos tão preocupados pelos valores materiais e pelo que eles consideram um estilo de vida decadente?

O povo muçulmano questionar-se-á sem dúvida sobre a devoção inquebrantável do Ocidente para com os objetivos laicos em detrimento da salvação espiritual. Sei que alguns intelectuais do Ocidente deixaram muito claro que para eles a forma de vida ocidental é superior sobre todos os pontos de vista e que não devemos fazer acordos com aqueles que pensam ao contrário. Da mesma forma, muitos intelectuais e clérigos islâmicos consideram que o Ocidente está enfermo e não querem ter nada a ver com o

que eles denominam de influência maligna da “intoxicação pelo Ocidente”.

Ainda que haja um risco em ser “politicamente incorreto, não é possível que o Islã e o Ocidente tenham de fato coisas que aprender da cultura do outro. É revelador que nestes quatro anos transcorridos desde o 11 de setembro não tenha ouvido, um só analista ocidental fazer esta insinuação, ainda que tenha ouvido repetidas denúncias ao Islã por não aderir às crenças e aos valores ocidentais. Sem



dúvida, torna-se difícil acreditar que não tenhamos nada que aprender de uma cultura com um impacto tão poderoso no mundo, durante cerca de 1.500 anos e na qual um em cada cinco dos seres humanos encontra significado para sua vida. Tenho a esperança de que esta mesma idéia possa surgir no mundo muçulmano com respeito ao Ocidente.

Sem dúvida, se ambos crêem sinceramente que há pouco ou nada de positivo que possamos aprender uns com os outros, há pouca esperança de que se resolva a divisão cultural que nos separa, a não ser pela escalada da violência e uma luta prolongada na qual

cada um tentará impor sua vontade e pontos de vista ao outro.

Investimos grandes somas de dinheiro numa resposta militar e política ao novo terrorismo. Talvez devêssemos agora prestar mais atenção à busca de meios e mecanismos e canais adequados para investigarmos o que verdadeiramente conta: na arena cultural na qual vivemos os aspectos mais íntimos de nossa existência e na qual o conflito entre duas formas de vida tão diferentes parece ser tão pronunciado.

É desalentador que inclusive nos EUA e Europa, onde vivem milhões de muçulmanos, haja com tanta frequência uma escassa interação entre suas comunidades e os demais.

Vivemos no mesmo espaço, mas em realidades praticamente separadas. Isto é, todavia, mais preocupante se considerarmos a cifra absoluta de muçulmanos que vivem em países de todo o mundo (veja quadro abaixo).

Além disto, o Islã é a religião que cres-

Os muçulmanos são a maioria em 52 países e uma grande minoria em muitos outros

6 milhões de muçulmanos nos EUA
5 milhões na França
3,2 milhões na Alemanha
2 milhões no Reino Unido
700 mil na Itália
700 mil na Espanha



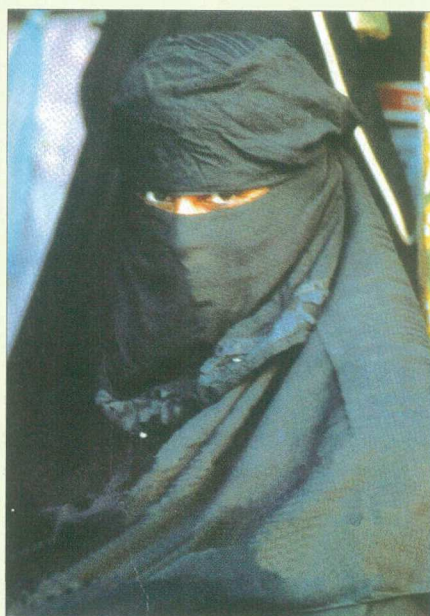
ce com maior velocidade no mundo. Os demógrafos (estudiosos dos problemas populacionais) calculam que, dentro de pouco mais de vinte anos, um em cada quatro dos seres humanos será muçulmano. Se a demografia é poder, então o mundo caminha para um século muçulmano.

São muitas as razões para a necessidade de começar agora um diálogo cultural com o Islã em vez de esperar até o ponto do não-retorno. Permita-me que cite somente duas bombas-relógio culturais que não podem esperar por mais tempo.

A primeira: nos EUA, Europa Ocidental e outros países, as populações muçulmanas são jovens, freqüentemente pobres e objeto de discriminação crescente, tudo isto somado à sensação de alienação, torna-os mais receptivos ao movimento fundamentalista islâmico. Milhões de jovens muçulmanos foram deixados à margem pela globalização. Na busca desesperada por encontrar algum tipo de identidade, finalidade e esperança para seu futuro, muitos deles deixam-se convencer pela chamada fundamentalista a uma *jihã* (dever religioso dos muçulmanos de defender o Islã através de luta) para recuperar a Idade de Ouro do Islã e voltar a conquistar o mundo para Alá (uma espécie de visão islâmica da globalização).

Segunda: para a maioria dos que aceitaram há muito tempo a idéia da separação entre a Igreja e o Estado, e o ser fiéis à nossa fé em particular e leais ao nosso governo em público, a idéia de

É cada vez maior o número de muçulmanos que defende a idéia de um Estado Universal Islâmico. Se acrescentarmos a isto o fato de que a diáspora muçulmana está se estendendo praticamente a todos os países, começaremos a entender o risco que supõe o perpetuar da situação global de gueto em que temos o Islã.



que um número significativo de muçulmanos que vivem entre nós não compartilha desta convicção é para nós inquietante. Um jornalista do *The New York Times* entrevistou ainda antes do 11 de setembro alguns jovens estudantes universitários muçulmanos nos EUA e ficou surpreso ao descobrir que ainda que formassem parte da nossa sociedade

secular, alguns não se viam a si mesmos como americanos, e sim como muçulmanos que vivem nos EUA. Seus vínculos são extraterritoriais e estão fundamentados no renascimento da idéia islâmica da *UMMA*, que significa pertença à “comunidade islâmica universal”. Muitos jovens muçulmanos entrevistados tanto na Europa como nos EUA, depois do 11 de setembro, disseram claramente que não lutariam contra seus correligionários muçulmanos do Afeganistão ou de nenhum outro lugar se fossem chamados a lutar pelo governo.

Entretanto, nós, os ocidentais nos sentimos ultrajados pela idéia de que as pessoas que habitam em nossos países possam ser mais leais aos seus irmãos de religião em todo o mundo que à sua nação anfitriã. O fato é que muitos muçulmanos — especialmente os cada vez mais numerosos jovens fundamentalistas — contemplam a nação e o Estado como uma instituição ocidental e uma invenção colonial imposta ao Oriente Próximo e ao resto do mundo.

É cada vez maior o número de muçulmanos que defende a idéia de um Estado Universal Islâmico. Se acrescentarmos a isto o fato de que a diáspora muçulmana está se estendendo praticamente a todos os países, começaremos a entender o risco que supõe o perpetuar da situação global de gueto em que temos o Islã.

Por todas estas razões, há tempo que deveríamos ter começado um intercâmbio cultural aberto entre o Islã e o Ocidente em nossas cidades e bairros.

Jeremy Rifkin é Presidente da Fundação sobre Tendências Econômicas de Washington DC.

NA PAZ DO SENHOR

Belo Horizonte, MG, **Maria Madalena**, aos 9.10.2004, com 98 anos.
Cristina, MG, **Maria José Alves**, aos 26.7.2004, com 86 anos.
Curitiba, PR, **Edílio Leonel Fornazari**, aos 8.7.2004, com 82 anos, foi assinante da revista Ave Maria por vinte anos.
Franca, SP, **Maria Presciana Marques**, aos 11.08.04.
Araçatuba, SP, **Maria da Conceição Silveira**, aos 24.6.2004, com 94 anos.
Sta. Gertrudes, SP, **Moacir Artur**, aos 23.11.2004, com 72 anos.
Visconde do Rio Branco, MG, **Anacleto Lopes Gomes**, aos 20.04.2005, com 68 anos.
Ribeirão Preto, SP, **Pedro Pragimacio de Castro**, aos 23.05.04, com 72 anos.

Juiz de Fora, MG, **Paulo da Costa**, aos 05.12.04, com 85 anos.
Vera Cruz, SP, **Joaquim Machado**, aos 11.10.04.
Belo Horizonte, MG, **Onesia Guimarães Grego**, aos 24.06.2004.

ASSINANTES EM FESTA

Penedo, CE, **Maria de Fátima Santos** e **José Reginaldo do Santos**, aos 20.11.2004 comemorou as Bodas de Prata matrimoniais.
Montes Claros, MG, **Maria da Conceição Lopes**, em 30.05.05, faz 83 anos de idade.
Natividade, RJ, **Zélia Rabello Bastos**, aniversariou em 30.06.05.

A mulher que amou demais

Maria Clara Lucchetti Bingemer

Entre as personagens femininas que povoam os evangelhos e cujos encontros com Jesus são descritos como experiências vitais plenas e luminosas de amor e compaixão, há uma que se destaca de maneira evidente e forte. Trata-se de Maria de Magdala, de quem é dito que Jesus expulsou sete demônios.

Como sete, na Bíblia, é o número da perfeição e da totalidade, podemos imaginar o estado em que se encontrava esta mulher quando Jesus de Nazaré cruzou seu caminho e tratou-a com respeito e amor. Não admira que o Evangelho vá mencioná-la, a partir desse encontro não narrado mas apenas mencionado, como parte integrante do grupo de mulheres que, juntamente com os discípulos, seguia Jesus desde a Galiléia.

No dia 22 de julho, a Igreja celebra a festa desta santa que talvez seja a que nos é mostrada nos evangelhos como mais próxima de Jesus e amando-o com mais desvelo e paixão que nenhuma outra. A tradição da Igreja, na sua interpretação do evangelho, igualmente a identifica em várias passagens nas quais o evangelista omite seu nome.

Uma dessas é de Lucas 7,36-50, onde toma lugar em banquete na casa do fariseu para o qual Jesus é convidado. A refeição judaica, com todas as suas prescrições rituais, está em pleno desenrolar quando o evangelista menciona a entrada intempestiva de uma mulher, pessoa notória na cidade por seu comportamento pouco recomendável.

A tradição da Igreja e a espiritualidade cristã identificam esta mulher com Maria

Madalena e descrevem seu comportamento apaixonado, que a faz atirar-se aos pés de Jesus e não cessar de lavá-los com suas lágrimas, beijá-los com amor e carinho, enxugá-los com seus cabelos e perfumá-los com precioso perfume.

O anfitrião se escandaliza. Bom fariseu que conhece a Lei, não fala mas pensa que se Jesus era profeta não poderia se deixar tocar por aquela prostituta, sabendo bem que o tornaria imediatamente impuro. Jesus, porém, valo-



Maria Madalena (1635-1640), detalhe. Pintura de Georges de la Tour, 1593-1652.

riza o gesto da mulher por causa do amor que ela demonstra. Aquela mulher ama demais, está louca de amor. Por isso não se importa com regras, convenções, etiquetas. Quer apenas demonstrar àquele que tanto ama sua devoção, sua gratidão, seu carinho sem limites. Jesus declara que seus muitos pecados foram perdoados porque ela muito amou. Mas àquele a quem pouco se perdoa pouco ama. E com isso critica aqueles que, como seu anfitrião, vive preso a normas e regras, e não consegue acolher gestos

surpreendentes e inesperados de amor.

Mais tarde, em outra circunstância e em outro evangelho – o de João – vamos reencontrar Maria Madalena. Desta vez sozinha, desolada e inconsolável. Teve que presenciar, com o coração destrocado, a morte do Mestre tão querido. Teve que ver seu corpo inanimado baixar da cruz e descer à sepultura. E ao terceiro dia, ao ir ao túmulo para perfumar e ungir seu cadáver, encontra o túmulo vazio. Ao jardineiro que lhe pergunta por que chora, só sabe responder: “Tiraram meu Senhor e não sei onde o puseram”.

Ouvir o próprio nome pronunciado pelo Ressuscitado trouxe de volta a vida e o sorriso ao desconsolo de Maria Madalena: “Maria”. E ali seu pranto se transformou em coragem e impulso para a missão à qual entregou o que lhe restava de vida.

Padroeira das mulheres que amam demais, que sofrem por causa do seu amor, que não têm medo nem timidez em demonstrá-lo ainda que com escândalo de tudo e de todos, Maria Madalena nos diz, em sua festa, que vale a pena correr o risco de amar. Amar muito, amar demais, amar para sempre, amar loucamente. Apesar do muito sofrimento que um amor muito grande pode trazer, não é nada em comparação com a alegria do perdão recebido, do nome pronunciado, da vida resgatada e do sentido reencontrado.

Em meio à precariedade e fragilidade das relações amorosas de hoje, Maria Madalena pode ensinar a homens e mulheres que o amor ainda é a única coisa que dá sentido à vida, a qual sem ele seria absurda.

Maria Clara Lucchetti Bingemer, teóloga, professora e decana do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. www.users.rdc.puc-rio.br/agape

Prevenir e recuperar dependentes químicos

Manoel Dias de Oliveira

Pastoral da Sobriedade está de braços abertos para resgatar dependentes de qualquer droga

A Igreja Católica, no Brasil, criou em 1998 a Pastoral da Sobriedade. "Sua missão é atender, orientar, encaminhar para tratamento e buscar a reintegração da pessoa dependente", diz padre Manoel Dias, coordenador desta Pastoral na Arquidiocese de São Paulo, em entrevista.

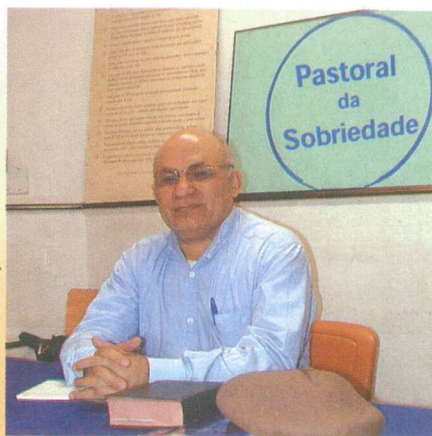


Foto: Avelino S. de Godoy

O que é Pastoral da Sobriedade?

É a ação concreta da Igreja Católica na prevenção e na recuperação da dependência química do álcool, da droga (ilícita), do cigarro e também para sensibilizar as pessoas viciadas em jogos.

Seu objetivo é atender, orientar e encaminhar para tratamento, para que o dependente saia do problema, e ainda, procurar a reintegração social deste indivíduo que muitas vezes, depois de sair da dependência, fica sem rumo, porque já perdeu a família. É um serviço especial.

Como realizar este trabalho?

Desde o atendimento pessoal ao dependente, ou junto à família, até o encaminhamento para tratamento, seguido de reuniões de apoio, como a Pastoral da Sobriedade e dos Alcoólicos e Narcóticos Anônimos, das quais a pessoa é incentivada a participar.

A Pastoral surgiu em 1998, em Lins, SP, com o bispo local, d. Irineu Danelon, SDB, que, reunido com um grupo de jovens, ouviu deles: "Há tantas pastorais, por que não criar uma que leve à busca da libertação da dependência química?" A partir daí, ela foi criada, e começou a tomar corpo. Hoje é nacional e a Conferência

Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB, oficializou-a, e d. Irineu é o bispo responsável no país todo. Aqui, em São Paulo, ela se configurou por meio da minha participação, também a partir daquele mesmo ano. Ela está implantada aqui na arquidiocese em poucas paróquias, em sete ou oito. Estamos procurando incentivar a todas as elas para que a tenham, a partir da formação de agentes, a fim de atuarem nos seus ambientes.

Qual o maior desafio dessa Pastoral?

A vergonha. O acanhamento da maioria das famílias que têm o problema com dependentes e não procura ajuda. Só quando o mal já está muito grave. Isso com relação à orientação. Quanto à articulação da própria pastoral, existe a dificuldade de aglutinar lideranças paroquiais para formação de agentes da pastoral.

Que frutos o trabalho colheu até agora?

A Igreja abriu os olhos para essa realidade tão séria e resolveu arregaçar as mangas. Por meio desse serviço, muitas pessoas se recuperaram tanto do álcool como da droga (ilícita).

Como lidar com pessoas dependentes na Pastoral da Sobriedade?

Com atendimento imediato. A Igreja está de braços abertos para recebê-los, a exemplo de Jesus na Cruz. Hoje a família ou a própria pessoa drogada não pode falar que a Igreja esteja de olhos fechados. Não está, graças a Deus! Em qualquer dia da semana, há acolhida e orientação. Quando se fala que é pastoral, padre nenhum pode mais fechar as portas, tem é que abrir os olhos e agir.

Como o senhor começou a participar da Pastoral da Sobriedade?

Eu me sensibilizei com este trabalho porque já fui um dependente alcoólico. Bebi por 28 anos. Cheguei ao fundo do poço, como se diz, a ponto de não crer mais em mim mesmo, perder a própria personalidade e chegar a questionar a existência de Deus, por causa da bebida. Fiz tratamento numa casa de recuperação de alcoolismo especial para padres e freiras, em Curitiba. Deu certo, graças a Deus, e faz 13 anos que não bebo mais. Em 1992, falei: "Já que eu parei, saí do poço, agora vou estender a mão a quem ainda está no fundo do poço". A partir desta tragédia pessoal, passei a ajudar, inclusive com minha experiência drástica do passado em relação ao alcoolismo, outras pessoas. Por isso, espalho essa ajuda por meio da Pastoral da Sobriedade, iniciada pela CNBB.



Endereços e telefones para informações:
Pe. Manoel Dias de Oliveira- (11) 3331-5195
D. Irineu Danelon: (14) 3522-2165 -
 domirineudanelon@ig.com.br

A palavra é...

Elaborado por **Luís Erlin**

Nesta seção, o leitor encontrará a explicação de palavras empregadas nas celebrações litúrgicas. Se desejar, escreva-nos, solicitando o significado de algum outro termo.

Carta ao pe. Luís Erlin

Assino a revista Ave-Maria e gosto muito dos seus artigos. Sou de Londrina, PR e coordeno o Projeto Eucarístico Paroquial da Arquidiocese. Gostaria que o senhor definisse para mim o termo Círio Pascal. Obrigada! **Ira Pazzoti.**

Escrevo de Bento Gonçalves, RS, para agradecer a resposta à pergunta que fiz, publicada na sua página (A Palavra É...) da edição de abril, p. 15 da revista Ave Maria. Fiquei muito contente e perfeitamente esclarecido quanto ao termo 'transfiguração', sem mais dúvidas.

Obrigado pela atenção e abraço deste seu leitor e admirador, **Flávio Fornari.**

A palavra **círio** é de origem latina – *cereus* – *vela grande de cera*. E **pascal**, porque está intimamente ligada à noite em que passamos das trevas à Luz. O Círio Pascal é a representação simbólica do próprio Cristo, luz sem ocaso que vence a escuridão da morte para nos garantir a claridade do Reino Eterno.

O Círio Pascal é aceso no Sábado Santo na celebração da Vigília Pascal. Fora do templo é benzido o fogo novo que acenderá o círio, a fórmula de bênção do fogo é essa: *Ó Deus, que pelo vosso Filho trouxeste àqueles que crêem o clarão da vossa luz, santificai + este novo fogo. Concedei que a festa da Páscoa acenda em nós tal desejo do céu, que possamos chegar purificados à festa da luz eterna. Por Cristo, nosso Senhor.*

Depois, com a Luz de Cristo, são acesas as velas de todos os fiéis, iniciando em seguida uma pequena procissão de fora para dentro da igreja até então está toda escura. O Círio é apresentado: *Eis a Luz de Cristo!* por três vezes.

Dentro do templo com as luzes apagadas, mas iluminada pelo Círio e pelas velas dos fiéis é entoado o cântico da Procla-

CÍRIO PASCAL

mação da Páscoa, o *Exulte*, que relembra a história da salvação: *Cera virgem de abelha generosa/ ao Cristo ressurgido trouxe a luz:/ eis de novo a coluna luminosa,/ que o vosso povo para o céu conduz.*

O círio que acendeu nossas velas/ possa essa noite toda fulgurar;/ misture sua luz a das estrelas,/ cintile quando o dia despontar.

Que ele possa agradar-vos como o Filho,/ que triunfou da morte e vence o mal:/ Deus, que a todos acende no seu brilho,/ e um dia voltará sol triunfal. Amém. (Versos finais).

O Círio Pascal é utilizado, sobretudo no sacramento do batismo. Os pais e padrinhos acendem uma pequena vela no círio que simboliza o Cristo, o batizado a partir daquele momento é uma parcela da Claridade do Cristo. É chamado a iluminar o mundo com o testemunho cristão. Também representa a vida nova que brota desse sacramento, iluminada pela vitória do Senhor sobre a pior consequência do pecado original, a morte.

Por isso, o Círio também pode iluminar as celebrações de exéquias, é uma bela recordação de que a morte já foi derrotada graças à infinita misericórdia de Deus.

No Círio, há geralmente uma cruz que nos lembra que a Luz da Vida, iluminou nossa existência através do Sacrifício Único de Cristo. Há também duas letras gregas — *Alfa e Ômega* — Cristo é o Princípio e o Fim. E em cada páscoa, se acende um círio novo com a inscrição do ano corrente, simbolizando a ação de Deus no tempo presente.



Luís Erlin é sacerdote missionário claretiano. luiserlin@bol.com.br

Direitos comunicativos de estudantes

Francisco Gomes de Matos

Vivemos na era dos Direitos Humanos. Essa afirmação, cada vez mais ouvida e lida, em contextos diversos, reflete uma realidade mais teórica que aplicada. Assim, se descermos da categoria abrangente de Direitos Humanos para um tipo específico, por exemplo, *Direitos Humanos Comunicativos*, o que tem sido pensado e publicado a respeito, entre nós, onde, desde quando, por que e para quê?

Em 1996, este articulista publicou *Pedagogia da Positividade. Comunicação construtiva em Português*, pela Editora da Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, Recife. Nesse volume, centrado numa Pedagogia do que é positivo, construtivo, incluí um capítulo sobre “Como ensinar uma disciplina escolar positivamente”, e formulei perguntas-chave, dentre as quais: 1. Irei ver meus alunos positivamente? Até que ponto? Como? O que poderei fazer para melhorar minha percepção dos alunos?

2. Que interações positivas irei ter com meus alunos, dentro e fora da sala de aula?



Foto: Eduardo Russo

3. Que vocabulário positivo, construtivo, irei usar para apoiar, incentivar, valorizar as ações criativas de meus alunos?

4. Que bem a convivência com os alunos poderá fazer aos estudantes e a mim, como professor(a)?

Ainda no referido capítulo, sustento que “Ensinar uma disciplina escolar de maneira construtiva significa desafiar-se constantemente a realizar ações e interações que ajudem os estudantes a construir um mundo mais justo e compreensivo dos *direitos* das outras pessoas” (p.72)

Em 2002, com outra publicação, pela Editora Ave Maria, de meu livro *Comunicar Para o Bem. Rumo à Paz Comunicativa*, pude explicitar melhor o que entendo por **Direitos Comunicativos em Sala de Aula** (pp. 32-35). Ali, exemplifico

dez casos de **violações** desse tipo de direito comunicativo, que podem ser cometidas por professores. Dois exemplos:

- 1. dialogar apenas com um(a) aluno(a), esquecendo-se das outras pessoas que estão na sala de aula, como co-aprendizes;**
- 2. fazer comentário discriminatório sobre o modo de falar/escrever/ler de alguém.**

Dado meu engajamento na área de *Direitos Lingüísticos*, particularmente na categoria mais específica de direitos comunicativos de aprendizes e professores, foi com alegria que recebi o livrinho (50 páginas) *Direitos do Estudante*, publicado em setembro de 2003 pelo Instituto de Protagonismo Jovem e Educação

(www.protagonistes.org.br) com sede em Pinheiros, São Paulo. Essa iniciativa teve o co-patrocínio da Fundação Telefônica, da União dos Dirigentes Municipais de Educação (UNDIME/SP) e do Centro Universitário Hermínio Ometto de Araras (UNIARARAS). Destaque-se, também, o prestigioso apoio técnico da UNESCO.

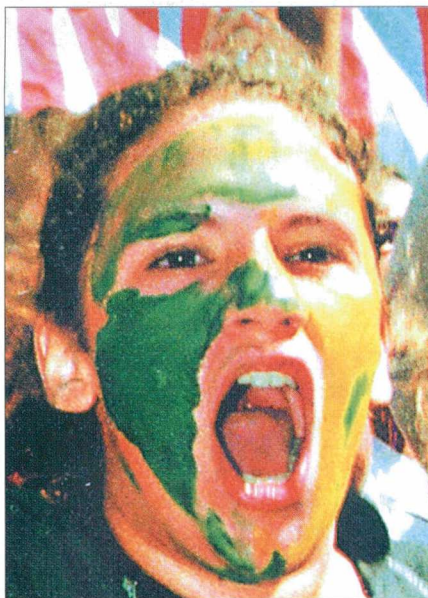
O precioso livro, ao abordar sete direitos do aluno, explicita três que têm a ver com a dimensão comunicativa:

O aluno tem o direito de receber orientação de seus professores; dizer o que pensa sem medo de não ser aceito e dizer do que gosta sem medo de ser discriminado (p.45). Educadores e pais interessados na problemática da Comunicação em sala de aula, encontrarão, no site recomendado (www.webamigos.net/educaforum/cartilha.shtml) exemplos de “frases que alunos e pais já ouviram da boca de profissionais do ensino”. Essas fraseologias, denunciadas por constituírem o que este articulista chamaria de *violações do direito de ser tratado e retratado com dignidade comunicativa*, mereceriam um estudo crítico aprofundado, pois exemplos há que chegam a ser provocadamente chocantes.

Lembraria que a prática de denunciar *fraseologias desumanizadoras* em sala de aula é um dos pioneirismos de Paulo Freire: veja-se sua inspiradora *Pedagogia da Autonomia*.

Voltando ao título deste artigo: desenvolve-se, entre nós, uma tradição de estudos sobre direitos comunicativos de estudantes. Que pesquisadores em cursos de pós-graduação (Letras, Educação, Comunicação, Psicologia, dentre outros) documentem, analisem o que acontece comunicativamente em nossas salas de aula: tanto o que há de *construtivo* (lembria que, além de uma Pedagogia Positiva ou da Positividade, há também uma Psicologia Positiva), quanto o que existe de *questionável, negativista*.

Encontros nacionais de estudantes de Letras poderiam incluir essa desafiadora



problemática em suas agendas. Assim, teríamos documentação valiosa, fundamentos científicos e pedagógicos para planejar interações comunicativas huma-

nizadoras em nossas escolas, a partir de uma formação de professores no comunicar para o Bem, à luz de uma Linguística Aplicada à PAZ, como vimos desenvolvendo, em publicações aqui e no exterior. O que estudantes e professores dizem, em sala de aula, tem imensa relevância para o conhecimento da dignidade comunicativa (ou de violações desta) em sala de aula. Cursos do tipo Educar para os Direitos Humanos (oferecido pelo Centro de Artes e Comunicação da UFPE, Recife) também podem incluir a questão sumariamente abordada neste artigo, escrito com a intenção de chamar atenção de educadores, pais para uma categoria de Direitos ainda incipiente entre nós.

Francisco Gomes de Matos é professor no Departamento de Letras, CAC, UFPE e membro da Comissão de Direitos Humanos Dom Hélder Câmara. E-mail: fcgm@hotmail.com.br

“Meu espírito é para todo o mundo”

Santo Antonio Maria Claret



Missionários Claretianos
A serviço da Palavra

Venha nos conhecer

SECRETARIADO VOCACIONAL CLARETIANO
Av. Francisco José G. de Andrade, 525
Jd. Chapadão - CEP 13070-550 - Campinas - SP
Tel.: (19) 3242-2288 - (19) 9604-2745 (Pe. Maurício)
email: pemaucio@mpc.com.br
Procuradoria Missionária - (19) 9601-8046 (Pe. Irlo)

SECRETARIADO VOCACIONAL CLARETIANO
Rua Bueno Brandão, 496 - Caixa Postal: 115
CEP 37550-000 - Pouso Alegre - MG
Tel.: (35) 3421-1108
email: curiabo@uai.com.br

CENTRO "Pe. JAIME CLOSET"
Rua Pinheiro Machado, 245
La Salle - Caixa Postal: 412
CEP 85601-970 - Pato Branco - PR
Tel.: (46) 224-4129
email: luifavoratto@boi.com.br

COMUNIDADE MISSIONÁRIA
Rua Manoel Moura, 46 - Trapiche da Barra
CEP 57011-100 - Maceió - AL
email: berinhocmf@zipmail.com.br

COMUNIDADE MISSIONÁRIA
Rua Bahia, 984 - Centro
Caixa Postal: 41 - CEP 78630-000
Caminópolis - MT
Tel.: (66) 437-1106

PARÓQUIA NSA. SRA. DE ABADIA
Pça. Laurentino M. Rodrigues, s/n
Caixa Postal: 23 - CEP 76380-000
Goianésia - GO - Tel.: (62) 353-1402

www.claretianos.com.br/pvj

Quem é Maria?...

Etel Maria Pereira da Costa

Esta nova seção quer tratar, de maneira clara, simples e didática, de inúmeros itens da doutrina católica sobre a mãe de Jesus. Sua autora, Etel Maria Pereira da Costa, cursou Filosofia e Teologia. Especializou-se em Pastoral da Juventude e Catequética. Ministra aulas na área de Teologia Dogmática, de modo particular, Mariologia, Introdução à Teologia, e Ecclesiologia. Leciona a disciplina: "Maria na Espiritualidade Cristã", na Faculdade Claretiana de São Paulo. Nesta edição, apresentamos mais duas questões:

4. Por que Maria tem tantos nomes ou títulos? Existem várias Marias?

Maria é uma só. A mãe de Jesus. Nós os católicos a chamamos de "Nossa Senhora", porque nós a consideramos "Mãe de Deus e nossa Mãe". Como existe uma difusão muito grande da devoção mariana entre os cristãos católicos, ela vai recebendo títulos conforme as circunstâncias de cada grupo, cultura, região ou evento especial.

MARIA é a SANTA que vai assumindo todos os nomes com que o povo a batiza. O povo gosta tanto de Maria, de "Nossa Senhora", que vai nomeando-a com os títulos que evocam os lugares onde ela se manifesta, ou então com os sinais ou graças que ela representa ou realiza. Os títulos dados a Maria justificam a busca e esperança de solução a partir do seu poder, compaixão e intercessão.

Assim, ela vai sendo chamada de: Nossa Senhora... *do Livramento, da Piedade, Auxiliadora, da Ajuda, da*

Medalha Milagrosa, do Bom Sucesso, da Conceição, Medianeira, Consoladora, Auxiliadora, do Bom Parto, da Boa Viagem, Do Perpétuo Socorro, do Deserto, do Amparo, dos Remédios, da Saúde, dos Navegantes, das Dores, da Vitória, das Graças, da Glória, da Assunção, do Rosário, etc.



Ilustrações: Arquivo

5. Qual foi a principal missão de Maria?

A principal missão de Maria foi a de ser a mãe do Filho de Deus. De acordo com o evangelho de Lucas 1, e 26ss., Maria dialoga com o mensageiro. Quando o anjo declara que ela encontrou graça diante de Deus, que conceberá e dará à luz um filho, ao qual dará o nome de Jesus, ela pergunta: "como acontecerá isso, se eu não convivo com um homem?". O anjo respondeu: "O Espírito descerá sobre ti e o poder do Altíssimo

te cobrirá com sua sombra. Por isso, o menino santo que vai nascer será chamado Filho de Deus. Também Isabel, tua parenta, concebeu um filho na sua velhice. Este já é o sexto mês daquela que era chamada estéril, pois para Deus nada é impossível". Maria disse: "eis aqui a serva do Senhor! Aconteça-me segundo a tua palavra". Vê-se claro neste diálogo que Maria assume a missão de ser mãe, a partir de um esclarecimento. Quando ela entende, ela então, concebe na mente, no espírito. Responde que sim e, neste momento, concebe também no próprio ventre. A missão de Maria foi total, foi plena. Abrangeu toda a sua pessoa, na mente e no corpo. Ser mãe, a exemplo de Maria, não é só engravidar no sentido biológico, mas é também conceber na mente e no coração, é assumir a totalidade da maternidade. Foi assim que Maria foi a mãe do Messias.

6. Por que chamamos Maria de mãe de Deus e nossa mãe?

Que Maria seja mãe de Jesus não há dúvida. Afirmar que ela é mãe de Deus, parece que complica. Ora, Jesus, o Filho de Deus, é também Deus. Ele recebe de Maria a natureza humana, sem deixar de ser Deus. Assim, Maria é também a mãe de Deus. A doutrina da Igreja Católica, a partir do Concílio de Éfeso (ano de 431), define que Maria é mãe de Deus e ensina que Maria não é apenas a mãe de Cristo enquanto homem, mas também a mãe de Jesus Cristo enquanto pessoa divina. Jesus, o Filho de Deus é filho de Maria e Maria é sua mãe, como as outras mães, são mães da pessoa completa.

Maria é **nossa mãe**. Quem institui Maria como nossa mãe é o próprio Jesus: "Junto à cruz de Jesus estava, de pé, sua

mãe e a irmã de sua mãe, Maria de Cléofas, e Maria Madalena. Jesus, ao ver sua mãe e, ao lado dela, o discípulo que ele amava, disse à mãe: “Mulher, eis o teu filho!”. Depois disse ao discípulo: “Eis a tua mãe!”. A partir daquela hora, o discípulo a colheu consigo (João 19,25-27).

Nesta cena, Jesus, não apenas dá a João um encargo familiar de acolher Maria, para que não ficasse sozinha. Há nas palavras de Jesus, uma extensão muito mais vasta. Em primeiro lugar, essa acolhida de Maria, por parte de João, acontece num contexto messiânico, ou seja, o relato vai além da simples narração do fato. O sentido messiânico significa que um fato ou uma palavra não se esgotam em si mesmos, não têm um sentido literal, mas encerram um significado transcendente e dizem respeito a toda a humanidade, ou seja, têm um sentido de transcendência e de universalidade.¹

O que o evangelista João quer mostrar é que no acontecimento da cruz tinham-se cumprido as escrituras. Se Jesus quisesse apenas que João amparasse Maria, não teria dito a segunda frase: “eis aí a tua mãe!”. Jesus ultrapassa a formalidade jurídica que, no costume judaico, Maria deveria ser amparada por alguém de sua parentela. Essa cena quer mostrar que Jesus entrega uma mãe à humanidade. Portanto, esse dado bíblico é a principal fonte que fundamenta ser Maria a nossa mãe.

¹ Cf. LARRAÑAGA, *Inácio*, O silêncio de Maria, 2ª ed. Paulinas, p. 172.

Etel Maria Pereira da Costa, NISM, é da Congregação Nossa Senhora Menina, Mestre em Teologia Dogmática, particularmente em Mariologia, Introdução à Teologia e Ecclesiologia. ethelm@ensm.com.br

Se o leitor desejar fazer alguma pergunta sobre Nossa Senhora, escreva para:
revista@avemaria.com.br
ou para nosso endereço Postal.

Senhora dos Favores

Roque Vicente Beraldi

O livro “Despertador Marial” foi escrito por dom José de Barziza e Zambrana bispo de Cádiz, do Conselho de Sua Majestade, na Espanha. A publicação data do século XVII. Ele contém 37 sermões dedicados a Maria, mãe de Deus, sob diversas invocações. Um deles é dirigido a Nossa Senhora dos Favores. Cremos que existiriam naquele tempo, muitos devotos de Nossa Senhora sob essa denominação.

Miguel Monescal faz elogio dessa obra dizendo: “...Serve para excitar mais vivamente nos ânimos católicos a profunda veneração que todos devemos à Senhora que mereceu ser mãe de Deus”.

No mundo inteiro há designações que no fundo têm o mesmo objetivo. Uma delas é “Nossa Senhora Medianeira de todas as Graças”. São Bernardo ponderou: “É da vontade de Deus Pai que recebamos tudo por meio de Maria”.

Deus quis subordinar a vinda de Jesus, nosso Redentor, ao “sim” da Santíssima Virgem, por isso, a convidou por meio do anjo. Comemoramos este fato na festa da Anunciação.

“Pela comunhão de dores e união de vontades entre o Cristo e Maria, diz Pio X, ela mereceu tornar-se despenseira de todos os benefícios que Jesus nos adquiriu por seu sangue” (Encíclica de 2 de fevereiro de 1904).

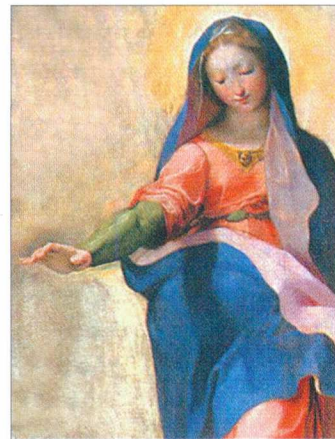
“É permitido afirmar, diz o Papa Leão XIII, que segundo a vontade de Deus, coisa alguma nos é dada sem pas-

sar por Maria, de tal sorte que, como ninguém pode aproximar-se do Pai todo-poderoso a não ser por meio de seu Filho, desta forma, ninguém pode chegar-se ao Cristo senão por meio de Maria” (Encíclica de 22 de novembro de 1891). Esta doutrina demonstra a mediação do Filho de Deus, subordinando-lhe a de sua Mãe Santíssima (Pius Parsch em *Testemunhas de Cristo*).

Outros títulos que incentivam a esperança dos devotos são: Medianeira de Todas as Graças, Perpétuo Socorro e outros. Todos se irmanam ao de *Nossa Senhora dos Favores*, e ainda Nossa Senhora das Mercês, que pode significar graça, indulto, perdão ou remissão de culpa. Também significa bom acolhimento,

benevolência, indulgência, benignidade, amparo benéfico. Cada título se torna, praticamente, sinônimo.

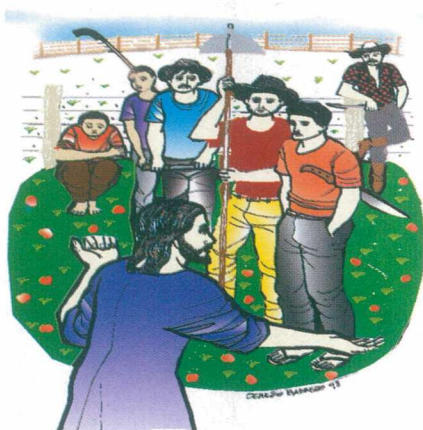
Alegre-nos a missão da mãe de Deus que é mostrar e levar-nos a Cristo, e ele a Deus.



Oração

Santíssima Virgem Maria! Para inspirar-me confiança sem limites na tua proteção, assumes inúmeros títulos, entre eles o de Senhora dos Favores. Por favor, eu te suplico, que me socorras em todo tempo e lugar, em minhas tentações, dificuldades e, sobretudo, no momento de minha morte, para que eu obtenha a perseverança final. Amém.

Elaborada por Adelino Dias Coelho. Ilustrações de Cerezo Barredo, cmf.
Coloridas por Sheine Rodrigues Silva.



Amor gratuito de Deus

25ª domingo do Tempo Comum
18 de setembro

INTRODUÇÃO

Pouco antes de morrer, o bom ladrão ouviu que Jesus o perdoava: *Hoje estarás comigo no paraíso* (cf. 23,43). No entanto, há quem fique indignado com coisas assim — como o profeta Jonas, revoltado porque Deus tinha perdoado os habitantes de Nínive, cidade pagã (cf. Jonas 4,2) —, e ache que os que erram não merecem misericórdia, mas devem ser simplesmente exterminados(!).

LEITURAS BÍBLICAS

1ª leitura: Isaías 55,6-9

Este trecho de Isaías — que exerceu seu ministério profético por volta de 740 a.C. — mais parece uma página do Evangelho pela beleza de sua mensagem sobre o amor gratuito de Deus.

Os hebreus exilados achavam que seu pecado tinha sido tão grande que Deus não os perdoaria. Isaías revela-lhes que os pensamentos do Senhor estão muito acima dos pensamentos mesquinhos dos homens. Explica-lhes que Deus não guarda rancor nem ali-

menta sentimentos estreitos para com os que erram, como nós fazemos. De fato, como é fácil encontrar pessoas entre nós que acreditam num Deus que “anota” tudo o que fazemos e recompensa na proporção daquilo que cada um faz.

Na leitura de hoje, o profeta diz aos israelitas exilados na Babilônia e a todos os que continuam pensando como eles: *Que o homem mau abandone o seu caminho e o perverso abandone seus pensamentos... porque Deus é rico em perdão, age de maneira bem diferente (contrária até) da lógica dos homens!*

Para meditação: Salmo 144, 2-3.8-9.17-18 (Refrão: *O Senhor está perto de todos os que o invocam!*). Louvor à majestade divina: o salmista bendiz e louva o Senhor porque é bom, rico de graça, fiel e providente, justo e amável; proclama que o reino de Deus é glorioso e eterno.

2ª leitura: Filipenses 1,20c-24.27a

Deus deve sorrir diante de nossos cálculos para aumentar merecimentos: damos uma esmola, vamos à missa, suportamos nosso irmão, “de olho” na recompensa que ele nos vai dar.

Deus não nos ama desse jeito. Perguntemos a uma mãe se ela quer pagamento pelo amor que dedica ao filho(!). Ela responderá que não quer paga nenhuma porque seu amor é gratuito. Por outro lado, também seria um absurdo um bom filho pensar que seu pai lhe deve algo só porque fez o que ele mandou.

Paulo, já preso, escreve para os cristãos da comunidade de Filipos, recomenda-lhes seguir a espiritualidade que ele sempre viveu. Não buscou acumular merecimentos, não trabalhou para isso. Para ele, o grande prêmio era o próprio Cristo: *Para mim o viver é Cristo e o morrer um lucro* (v.21).

Mas devemos tomar cuidado para

que frases como essa não sejam vazias de significado e desconectadas da realidade. Fazemos retiros, orações, prolongadas vigílias diante de Jesus presente na Eucaristia e temos dificuldades de reconhecê-lo presente em nossa esposa, nosso esposo, nos filhos, em nossos colegas de trabalho, nos pobres, nos excluídos!

Aclamação ao Evangelho (Atos dos Apóstolos 16,14b): Aleluia, aleluia, aleluia. *Abri, Senhor, o nosso coração e compreenderemos as palavras do vosso Filho.* Aleluia, aleluia, aleluia.

Evangelho: Mt 20,1-16a

Esta parábola foi a maneira simples que Jesus escolheu para responder ao jovem rico, que lhe tinha perguntado o que fazer para conseguir a vida eterna (cf. 19,16).

À primeira vista, parece-nos injusto o patrão ter dado a mesma recompensa tanto a quem estivera na vinha por uma hora apenas, quanto a quem tinha trabalhado oito ou mais horas.

Mas tudo fica bem claro quando nos lembramos do significado da parábola: a salvação é obra de Deus, que chama todos os homens na situação em que se encontram e na hora em que se deixam encontrar. É sempre um dom de sua bondade. Aqueles que, convertidos bem cedo, murmuram contra Deus, como o irmão do filho pródigo, como Jonas indignado com a conversão dos ninivistas, ou que pretendem alegar direitos porque deixaram tudo, colocam-se no último lugar, no Reino de Deus.

REFLEXÃO

Quando fazemos o bem, agimos desinteressadamente? Amamos a Deus gratuitamente, como ele nos ama? Alegramo-nos com a conversão dos irmãos? Acolhemos com alegria quem, arrependido, volta à nossa comunidade?



Reconsiderar nossas atitudes

26º domingo do Tempo Comum
25 de setembro - Dia da Bíblia

INTRODUÇÃO

A Bíblia é uma verdadeira biblioteca de vários escritos muito antigos. É a história do povo de Deus e, portanto, a nossa história também. Agora, como outrora, o Senhor pede a seu povo, fidelidade à nova aliança.

1ª leitura: Ezequiel 18,25-28

Sabemos que, no decorrer da história da salvação, o povo não conseguiu manter fidelidade ao compromisso com Deus e, deste modo, conviver intimamente com ele. Os corações sinceros, porém, nutriam o ideal de santidade e guardavam a profunda convicção do amor misericordioso e gratuito de Deus.

Nesta leitura, o Senhor fala por meio do profeta Ezequiel: *Se um pecador se desvia do seu pecado, para praticar o direito e a justiça, ele conserva assim a sua vida. Porque abriu os olhos e se desviou das suas maldades, ele viverá e não morrerá* (v.27).

Nos versículos anteriores, o mesmo profeta revela que a salvação de um indivíduo não depende dos que o

precederam, nem de seus parentes mais próximos, nem de seu passado. O que importa é sempre a disposição atual do coração. O motivo é que a conversão e as boas obras rompem nossa ligação com o pecado.

Para meditação: Salmo 24,4bc-5.6-7.8-9 (Refrão: *Lembra-vos da vossa misericórdia, Senhor!*). O salmista reza a Deus para aprender a caminhar na obediência à sua vontade e reflete que será feliz aquele que estiver sempre disposto a seguir confiante os planos de Deus. Mesmo quando for preciso esperar contra toda esperança, pois Deus só quer o bem de seu povo.

2ª leitura: Filipenses 2,1-11

Neste trecho de sua carta, Paulo exorta os cristãos de Filipos a terem o mesmo sentimento de Jesus Cristo. Continua o ensinamento iniciado no domingo passado e convida os cristãos a completar sua alegria, em Cristo, pela concórdia (talvez estivessem desunidos por brigas internas) e, portanto, a combater os inimigos da caridade: o orgulho e o egoísmo.

Não pode haver caridade — essencialmente serviço ao próximo — sem a humildade que sabe considerar os outros mais dignos de louvor. *Julgue cada um os outros superiores a si mesmo, confia o apóstolo. Mas para não cairmos em falsa modéstia, completa: não deixe cada um de cuidar do que é seu, mas sem deixar de cuidar também do que é dos outros* (vv.3-4).

Reconhecer que Deus nos deu dons que devemos cultivar em proveito da comunidade não é orgulho, mas discriminar os outros achando-os menos capazes do que nós é grave pecado.

E nos lembra o exemplo de Cristo que não considerou o ser igual a Deus como algo a que se apegasse ciosamente, mas esvaziou-se a si mesmo e

assumiu a condição de servo, falando nossa linguagem.

Aclamação ao Evangelho (João 10,27): Aleluia, aleluia, aleluia. *Minhas ovelhas escutam a minha voz, diz o Senhor, eu as conheço e elas me seguem.* Aleluia, aleluia, aleluia.

Evangelho: Mateus 21,28-32

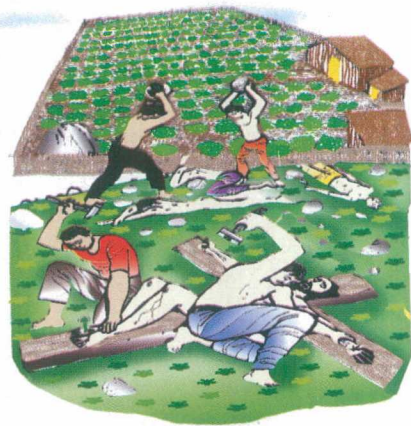
O Reino de Deus não é dos que se consideram justos, mas dos pecadores que crêem e fazem penitência. Este argumento será desenvolvido por Mateus durante cinco domingos.

É esta a “chave” para entender melhor a carta de São Paulo que acabamos de ouvir. Para sermos humildes, para não nos julgarmos superiores aos outros e, portanto, não nos deixarmos levar por preconceitos, temos de nos reconhecer pecadores, iguazinhos aos irmãos. Só Deus nos conhece profundamente e perscruta os corações.

Não basta, porém, bater no peito, confessando que erramos, mas é graça de Deus *reconsiderar* nossa atitude — como fez um dos irmãos da parábola, contada hoje por Jesus, e nos convertermos. E como vamos mostrar isso? Unindo a fé à nossa vida. Mostrando, por exemplo, com nossos atos que toda nossa vida é uma liturgia e não nos limitando a glorificar a Deus só na hora do culto.

REFLEXÃO

Somos fracos e pecamos, mas estamos dispostos a nos libertar dos grilhões dos pecados? Em nossos relacionamentos, deixamos de lado nossa posição social (seja qual for) e falamos a mesma linguagem de nossos irmãos? Respeitamos o outro, por mais simples que seja, e procuramos descobrir suas virtudes e valorizar suas qualidades?



Tempo da colheita

27º domingo do Tempo Comum
2 de outubro

INTRODUÇÃO

O tempo da colheita representa o tempo do juízo de Deus que não deve ser entendido como uma “prestação de contas”, mas como uma intervenção de salvação.

LEITURAS BÍBLICAS

1ª leitura: Isaías 5,1-7

Todos os pormenores desta história têm um sentido simbólico: o *senhor* é Deus; as *videiras selecionadas* são os israelitas que o Senhor foi buscar lá fora, no Egito; a *terra fértil* para a qual este povo foi transplantado é a Palestina; as *pedras* que se encontravam no campo e que foram removidas, eram os povos que ocupavam a Palestina, antes da chegada dos israelitas; a *torre de proteção* é a dinastia de Davi.

Os *frutos* (a uva de boa qualidade e doce) com que o senhor contava são as obras que Deus esperava encontrar no seu povo: a fidelidade à aliança, a justiça social, o amor ao pobre, ao órfão, à viúva. Infelizmente, ele se deparou com *uvas amargas, azedas e ásperas*, ou seja, pecados, infidelidade, gritos de

peçoas oprimidas e exploradas, mentiras nos tribunais, ódios, etc.

Há quem tenha profunda convicção de ter uma fé muito sólida. Mas na hora da provação, vê-se que há somente a aparência das obras da fé: ritualismo, exterioridade, futilidade e espetáculo. E o que se considera “justiça” vai-se ver que de fato se revela “aproveitamento” e “opressão”.

Para meditação: Salmo 79 (Refrão: *A casa de Israel é a vinha do Senhor!*) Para o povo que o Senhor trouxe do Egito, o salmista pede a visita benéfica de Deus, pois a força da “vinha” vem do Senhor!

2ª leitura: Filipenses 4,6-9

Ao nosso sacrifício de louvor, Deus responde com sua bênção. Mas não é somente na hora do culto litúrgico que sobe até Deus nossa oração. Toda nossa vida deve ser um ato litúrgico. Nossa caridade com os irmãos deve ser a principal ação de louvor a Deus.

Paulo afirma que nada pode destruir a paz e a alegria dos cristãos de Filipos, nada pode lhes causar angústia, se eles permanecerem unidos a Deus na oração. Esta recomendação de Paulo é muito importante porque existem cristãos que se julgam “santos”, que seguem todas as regras, até as mais minuciosas da religião, mas são antipáticos, intratáveis, resmungões...

Quando se fala em amor ao irmão, pensam logo em ajudar, sem compromisso, alguma instituição de caridade ou dar alguma esmola ao pobre na rua, pensando assim ficar quites com a caridade fraterna. Não se pode amar os irmãos sem *cruz*, sem doação de nós mesmos, sem renúncia pessoal.

Aclamação ao Evangelho (João 15,5): Aleluia, aleluia, aleluia. *Eu sou a videira e vós os ramos. Aquele que per-*

manece em mim e eu nele poduz muito fruto. Aleluia, aleluia, aleluia.


Evangelho: Mateus 21,33-43

Deus não decidiu, num dado momento da história, rejeitar Israel e adotar as nações pagãs. Foi o comportamento perante o Messias que os fez perder o papel que desempenhavam na ordem da mediação. O modo como viviam o seu “sim” à Lei os levou a dizer “não” ao Evangelho.

E o que isso significa? É o cumprimento da letra da lei, ao invés de seguir o seu espírito. Num grande esforço, para tocar o coração de seus irmãos judeus que não aceitavam o Evangelho, Mateus organiza a narrativa de modo a provocar explicitamente o julgamento dos interlocutores contra os vinhateiros. A conclusão é previsível: a vinha, o reino, vai ser tirada de Israel e dada a outros, a um povo (a Igreja) que a fará frutificar. Por isso, uma Igreja passiva é inconcebível.

A conclusão da parábola é positiva. A custódia da vinha por outros trabalhadores não é um gesto de despeito ou de vingança por parte do senhor indignado. É uma obra de amor e de salvação que com certeza trará benefícios para todos. Deus transforma em sucesso também o fracasso e sabe extrair coisas maravilhosas até de nossos pecados.

REFLEXÃO

A nossa fé se confunde com a emoção de cerimônias bonitas e de espetáculos litúrgicos que nos enchem os olhos, mas que não nos comprometem com a caridade? Ainda achamos que basta dar esmolas descompromissadas para tranquilizar nossa consciência em relação aos pobres e excluídos? Compreendemos que não podemos ficar impassíveis diante das necessidades dos irmãos, em casa, no trabalho? 



Convites de Deus

28º domingo do Tempo Comum

9 de outubro

INTRODUÇÃO

Os convites que vêm de Deus merecem toda nossa adesão. Eles são feitos, a cada momento, nas situações criadas, no dia-a-dia, na convivência com nossos irmãos, tanto em nossas casas, como em nosso trabalho; tanto na alegria quanto nos momentos de tristeza!

LEITURAS BÍBLICAS

1ª leitura: Isaías 25,6-10a

Comumente ficamos cegos espiritualmente e temos dificuldade em reconhecer o Senhor na pessoa de nossos irmãos, principalmente com as pessoas com as quais estamos já habituados, como esposo(a), filhos(as), empregados(as), colegas de trabalho.

É hora, então, de rezarmos e de pedirmos a Deus nossa conversão no sentido de revitalizarmos o amor, através da doação de nós mesmos. Pois ele continuamente nos oferece a salvação. Esta verdade, no contexto da vida religiosa do Antigo Testamento, era frequentemente simbolizada pelo banquete, sinal de amizade, da proteção

divina e da bênção celeste constante.

Com nossa adesão à oferta de Deus, entramos em comunhão com ele, conforme é descrita, hoje. Não haverá mais cegueira espiritual. Reconhecemos o Senhor nos irmãos e nos alegraremos com a paz que voltará ao nosso lar e ao nosso local de trabalho.

Para meditação: Salmo 22,1-3a. 3b-4.5.6 (Refrão: *Habitarei para sempre na casa do Senhor!*) Para águas tranquilas me conduz e restaura minhas forças; ele me guia por bons caminhos, por causa do seu nome — canta o salmista. Tudo é graça do Senhor!

2ª leitura: Filipenses 4,12-14.19-20

Paulo estava bem consciente de que toda a força para nos convertermos ao amor dos irmãos, vem de Deus. Tornou-se célebre sua frase: *Tudo posso naquele que me fortalece*. Ou, em outras traduções, *que me conforta* (v.13).

Quem decide se doar aos irmãos em todas as situações, enumeradas pelo Apóstolo, não pode esperar recompensa ou mesmo a gratidão daqueles por quem se entrega. Não pode ser uma caridade interesseira, buscando a si mesmo. Mas como diz Paulo em outra carta: *Basta-te a minha graça, na fraqueza se revela minha força* (2Coríntios 12,19).

Cristo tinha-lhe deixado o ensinamento: *que tua mão esquerda não saiba o que fez a direita* (Mt 6,3). Por isso, embora Paulo defendesse o direito dos missionários ao sustento, manifestou sua decisão de não ser pesado a ninguém, pois ele tinha aprendido a *viver na abundância e na indigência* (v.12). Todavia, mostra-se grato aos filipenses pela ajuda que lhe mandaram.

Aclamação ao Evangelho (Efésios 1,17-18): Aleluia, aleluia, aleluia. *O Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, nos dê um espírito de sabedoria, para sabermos qual é a es-*

perança que o seu chamado encerra. Aleluia, aleluia,aleluia.

Evangelho: Mateus 22,1-14

A parábola do banquete nupcial está ligada à dos vinhateiros homicidas e chega à mesma conclusão: O Reino dos céus será tirado dos judeus e dado a um povo que produza frutos. Jesus anuncia a seus inimigos e críticos — no caso, aos chefes do povo —, a grande novidade: não excluirá do Reino os pecadores, os pobres, os marginalizados, como eles faziam.

Outra coincidência entre ambas as parábolas é que tanto os que eliminam o filho do dono da vinha (tema do domingo passado), quanto os convidados que se escusam de tomar parte nas bodas do filho do rei e maltratam seus mensageiros até matá-los, são castigados e excluídos do Reino porque eles mesmos se auto-excluem, e não por capricho de Deus.

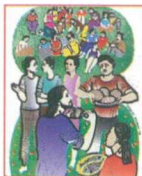
Mateus acrescenta à parábola inicial, uma outra: a do traje da festa. E termina com uma máxima como conclusão geral: *muitos são os chamados e poucos os escolhidos*. Judeus e pagãos não se devem apoiar na falsa segurança de que todos são chamados para o Reino e por isso estão salvos, mas necessitam de uma mudança interior pela conversão do coração. Somos convidados a abrir os olhos de nossa alma e deixar que o Espírito renove nossa mentalidade, na busca da justiça e da caridade.

REFLEXÃO

Usamos para vencer as situações de morte: ódio, injustiça, opressão, dentro de nossa casa? Buscamos sempre a oração, conscientes de que a força para o bem vem de Deus? Estamos convencidos de que antes de nossas devoções, precisamos ajudar a quem precisa?



LEITURAS SEMANAIS DAS MISSAS DE AGOSTO



18ª SEMANA DO TEMPO COMUM

1º - SEGUNDA: Nm 11,4b-15 = Moisés entristecido pela revolta do povo. Sl 80. Mt 14,22-36 = Jesus anda em cima da água; Pedro vacila. **2 - TERÇA:** Nm 12,1-13 = Deus não tolera que se critique Moisés. Sl 50. Mt 15,1-2.10-14 = Crítica contra os fariseus e suas tradições. **3 - QUARTA:** Nm 13,1-2a.25 — 14,1.26-30.34-35 = Falso relatório suscita revolta. Sl 105. Mt 15,21-28 = Mãe cananéia implora a cura da filha: exemplo de fé! **4 - QUINTA:** Nm 20,1-13 = Brota água da pedra em Meribá. Sl 94. Mt 16,13-23 = Pedro declara sua fé em Jesus. **5 - SEXTA:** Dt 4,32-40 = Deus manifestou um amor extraordinário pelo seu povo. Sl 76. Mt 16,24-28 = Renúncia, para seguir Jesus. **6 - SÁBADO:** *Transfiguração do Senhor.* Dn 7,9 10.13-14 = Suas vestes eram brancas como a neve. Sl 96. Mt 17,1-9 = O seu rosto resplandeceu como o sol.



19ª SEMANA DO TEMPO COMUM

8 - SEGUNDA: Dt 10,12-22 = Corresponder ao amor de Deus com a obediência. Sl 147. Mt 17,22-27 = Segundo anúncio da Paixão; Jesus paga o imposto. **9 - TERÇA:** Dt 31,1-8 = Moisés designa Josué seu sucessor. Cânt.: Dt 32,3-12. Mt 18,1-5.10.12-14 = Questão de vaidade; a ovelha perdida. **10 - QUARTA:** S. Lourenço, diácono e mártir. 2Cor 9,6-10 = Deus ama o que dá com alegria. Sl 111. Jo 12,24-26 = Se alguém me serve, meu Pai o honrará. **11 - QUINTA:** Js 3,7-10a.11.13-17 = Passagem do rio Jordão. Sl 113A. Mt 18,21 — 19,1 = Parábola do servo cruel. **12 - SEXTA:** Js 24,1-13 = Josué recorda ao povo os benefícios de Deus. Sl 135. Mt 19,3-12 = Contra o divórcio. **13 - SÁBADO:** Js 24,14-29 = Escolhei hoje a quem quereis servir... Salmo 15. Mt 19,13-15 = Jesus e as crianças.



20ª SEMANA DO TEMPO COMUM

15 - SEGUNDA: 1Jz 2,11-19 = Deus suscita juízes. Sl 105. Mt 19,16-22 = O jovem rico: dá o que tens, vem e segue-me! **16 - TERÇA:** Jz 6,11-24a = Deus chama Gedeão para salvar Israel. Sl 84. Mt 19,23-30 = Apego às riquezas impede a salvação; promessa do cêntuplo. **17 - QUARTA:** Jz 9,6-15 = O estéril reinado do usurpador Abimelec em Siquém. Sl 20. Mt 20,1-16a = Parábola dos operários da vinha, contratados sucessivamente. **18 - QUINTA:** Jz 11,29-39a = Voto de Jefté: sacrifício da própria filha! Sl 39. Mt 22,1-14 = Parábola da festa das bodas: convidai todos! **19 - SEXTA:** Rute 1,1.3-6.14b-16.22 = Noemi volta para Belém com a nora Rute. Sl 145. Mt 22,34-40 = O grande momento: amar a Deus e ao próximo. **20 - SÁBADO:** Rt 2,1.3.8-11; 4,13-17 = Booz, parente de Noemi, torna-se ancestral de Davi.



21ª SEMANA DO TEMPO COMUM

22 - SEGUNDA: *Nossa Senhora Rainha.* Is 9,1-6 = Foi-nos dado um Filho. Sl 112. Lc 1,26-38 = Anunciação do nascimento de Jesus. **23 - TERÇA:** *Santa Rosa de Lima, Virgem, Padroeira da América Latina.* 2Cor 10,17 — 11,2 = Eu vos desposi com um esposo único, o Cristo. Sl 148. Mt 13,44-46 = Tesouro escondido; pedra preciosa. **24 - QUARTA:** S. Bartolomeu, Apóstolo. Ap 21,9b-14 = Sobre os alicerces estão os nomes dos doze apóstolos do Cordeiro. Sl 144. Jo 1,45-51 = Eis um verdadeiro Israelita, em quem não há fingimento. **25 - QUINTA:** 1Ts 3,7-13 = Missão de Timóteo: Deus confirme os vossos corações. Sl 89. Mt 24,42-51 = Exortação à vigilância. **26 - SEXTA:** 1Ts 4,1-8 = Exortação à pureza: santificação, vontade de Deus. Sl 96. Mt 25, 1-13 = Parábola das cinco jovens prudentes e das cinco imprudentes. **27 - SÁBADO:** 1Ts 4,9-11 = Exortação à caridade fraterna e ao trabalho. Sl 97. Mt 25,14-30 = Parábola dos talentos.



22ª SEMANA DO TEMPO COMUM

28 - SEGUNDA: *Martírio de S. João Batista.* Jr 1,17-19 = Levantar-te-ás e lhes dirás tudo o que eu te ordeno. Sl 70. Mc 6,17-29 = Quero que me dêes num prato a cabeça de João Batista. **30 - TERÇA:** 1Rs 5,1-6.9-11 = O Dia do Senhor virá como um ladrão. Sl 26. Lc 4,31-37 = Cura de um possesso em Cafarnaum. **31 - QUARTA:** Cl 1,1-8 = Soubemos da vossa fé, vossa caridade, vossa esperança. Sl 51. Lc 4,38-44 = Cura da sogra de Pedro; milagres ao pôr-do-sol.

...E eu não largo dele

Antônio José Eça

Até agora, falamos sobre os maridos (ou as mulheres) que batem e sobre as reações possíveis, que incluem fazer parar, fazer-se respeitar, ou até sair de perto, se for o caso. No entanto, não estamos levando em conta uma outra possibilidade: aquela de que as pessoas, principalmente as mulheres, sofrem, sofrem, e mesmo assim não saem de perto de seu querido.

Comecei a pensar em tudo isto que escrevo, principalmente por causa do seguinte tipo de problema: na instituição onde trabalho, estou encontrando agora, passados cerca de vinte anos, mulheres que durante todo esse tempo reclamaram que seus maridos as maltratavam, desde a época em que os dois eram moços, com várias possibilidades na vida. O tempo então passou... passou... este marido continuou ruim, cheio de problemas consigo próprio, agredindo-a, destratando-a, e ela, sempre ali, sofrendo e se segurando.

Então alguém poderia dizer: "Puxa, você está sendo insensível, na medida em que não considera que ela está fazendo sua parte, *ao-lado-do-marido-em-todas-as-ocasiões*, como um dia se comprometeu perante o padre e/ou juiz". Mas aí eu pergunto: será que o meu compromisso de "estar junto" pode ser maior que o de estar comigo mesmo? Será, inclusive, que é justo sacrificar e anular minha vida desta forma, sem nenhuma compensação terrena, esperando apenas eventuais recompensas que virão do "reino dos céus", se vierem?

O que se deve considerar é que determinadas pessoas estabelecem vínculos doentios, no qual se completam tais quais dois vegetais que sugam a seiva um do outro, tão enroscados que estão.

A isto se chama, tecnicamente, vínculo simbiótico.

Mas, deixando a técnica de lado, pois aqui não é o lugar, estas uniões (ou vínculos), são muito difíceis de serem desfeitas, pois, como no exemplo acima, parece que um vai morrer sem o outro, mesmo que seja para estar morrendo um pouco a cada momento.

O que se deve considerar é que determinadas pessoas estabelecem vínculos doentios, no qual se completam tais quais dois vegetais que sugam a seiva um do outro, tão enroscados que estão.



Foto: Eduardo Russo

Talvez não tenhamos parado para pensar que, se eu acho que preciso dele para viver (da sua seiva, no exemplo), ele também precisa da minha e, na mesma medida em que eu o sugo, ele me suga. Se imaginarmos uma medida qualquer de energia ("seiva") que esteja sendo sugada por mim, talvez tenhamos que considerar que uma medida igual (ou até maior) está sendo tirada de mim, o que significa que, feitas as contas, fi-

camos na "estaca zero"! Isto nos permite concluir que, apesar de achar que preciso da sua vida para viver a minha, na realidade eu apenas estou "trocando vidas", pois na mesma medida em que pego, concedo.

Ora, se eu preciso, e você precisa na mesma medida, das duas uma: ou nós nos acertamos e passamos a trocar uma energia (uma "seiva") positiva que faça as coisas valerem a pena, ou cada um fica com sua própria conta de energia, que poderá ser muito mais bem aproveitada na medida em que a pessoa pode administrá-la de modo mais eficiente.

Se você vai me tomar dez reais, e eu de você, pelo menos que seja em dinheiro trocado; caso contrário, que cada um fique com sua nota de dez. Aí você vai começar a descobrir que a administração de seus recursos pode ser muito compensadora, uma vez que você vai usá-los na hora que quiser, como quiser, onde quiser e com quem quiser.

É bem verdade que no princípio eu não vou saber direito o que fazer com esta energia; afinal, eu não estava acostumado a ela, eu tinha que trocá-la, (e, na maioria das vezes, até pagar um pouco a mais por ela). Mas, aos poucos, eu começo a saber e a ter o gosto de poder dispor dela como bem entender, sem o pagamento de tributos injustos, impenhados e mal aproveitados.

Pense nisto.



Antonio José Eça é mestre em Psicologia Social e professor de Psicopatologia na Faculdade de Psicologia da Universidade São Marcos. Médico psiquiatra e psicoterapeuta existencial. Psiquiatra forense da Comarca da Capital e da Justiça Militar do Estado. Professor de Medicina Legal na Faculdade de Direito da uni-FMU. **Obras do autor:** 1. Casais - Relações interpessoais; 2. Casamento; 3. Homem-mulher - Relacionamento; 4. Psicoterapia de casal; 5. Psicoterapia existencial; 6. Relações interpessoais; entre outros livros.

Vamos cozinhar?!

Entrada

Ingredientes

1 colher/café de sal
3 xícaras/chá de repolho
cortado bem fininho,
ligeiramente cozido
1 pitada de pimenta-do-reino
2 colheres/sopa de maionese
1 colher/sopa de suco de limão.

SALADA DE REPOLHO

Modo de preparar

1. Tempere o repolho com o sal, a pimenta e o suco de limão, deixando tomar gosto por 15 minutos.
2. Adicione-lhe a maionese e misture bem. Decore com uma galhinha de sabor.



Prato principal

Ingredientes

1 kg de filés de pescada
branca de tamanho médio
1/2 xícara/chá de farinha de trigo
1 xícara/chá de óleo de milho
2 dentes de alho socados
1 colher/sobremesa de sal
100 g de pickles picados bem
miudinhos (cenoura, pepino,
couve-flor e pimentão)
1 colher/café de alcaparras
250 g de maionese
Suco de 1 limão
3 ovos

FILÉ DE PESCADA (com molho tártaro)

Modo de preparar

1. Coloque os filés em uma travessa, tempere-os com os alhos, suco de limão e o sal, deixe-os tomando gosto por duas horas.
2. Enxugue-os em papel absorvente, passe-os em farinha de trigo e reserve-os. Nesse meio tempo, leve o óleo ao fogo, bata os ovos e pingue uma colher/café de ovos batidos no óleo quente, para verificar se o óleo está quente.
3. Para fritar os filés, já passados na farinha de trigo, passe um de cada vez nos ovos batidos e coloque três ou quatro de cada vez na frigideira. Quatro minutos depois, vire o que colocou primeiro. Em seguida, vire todos os outros, deixando-os dourar.
4. Ponha-os a escorrer, em papel absorvente. Misture a maionese com os pickles e as alcaparras e espalhe o molho obtidos sobre um dos lados dos filés.
5. Arrume-os bem juntos numa travessa e sirva-os com vinho branco.

Sobremesa



Ingredientes

1 abacaxi grande e maduro
2 cálices de vinho branco doce,
4 xícaras/chá de açúcar
Alguns dentes de cravo.

COMPOTA DE ABACAXI AO CRAVO

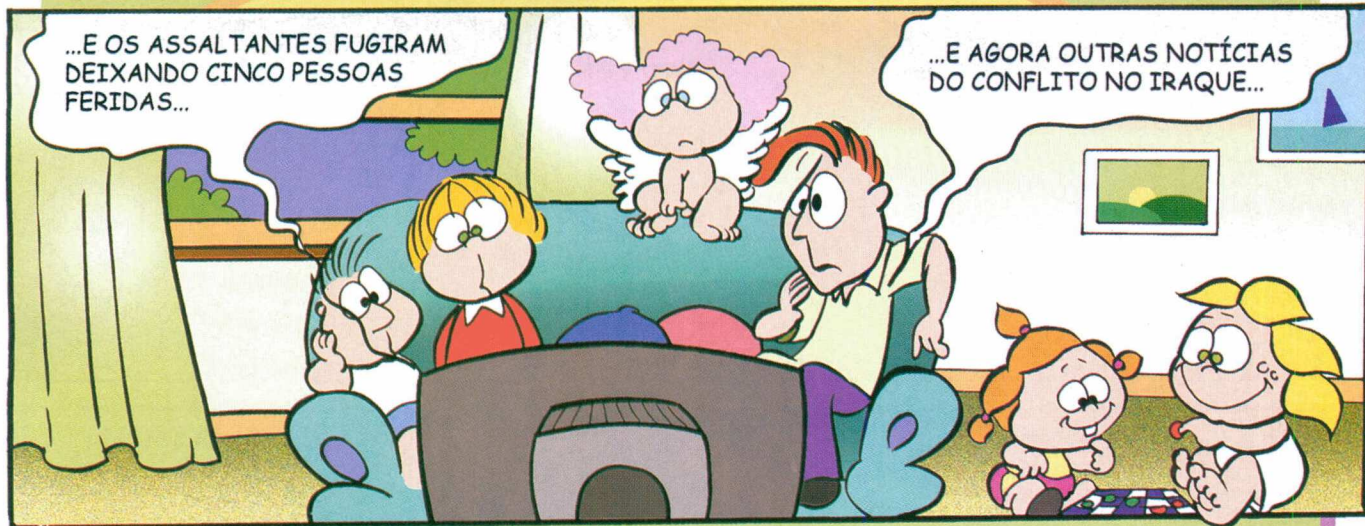
Modo de preparar

1. Descasque o abacaxi, tire bem os olhos e corte-o em rodelas. Com uma forminha redonda de cortar biscoitos, retire o talo central das rodelas de abacaxi.
2. Coloque-o em uma vasilha juntamente com o açúcar e o cravo. Deixe-o repousar durante três horas e vire-o numa panela. Leve-o ao fogo e deixe ferver. Diminua o fogo e deixe a calda engrossar. Junte o vinho e deixe mais alguns minutos no fogo, até que ferva, mas sem deixar o vinho secar.

Paz na tevê

Turma da Maíra

Tina Glória



...E OS ASSALTANTES FUGIRAM DEIXANDO CINCO PESSOAS FERIDAS...

...E AGORA OUTRAS NOTÍCIAS DO CONFLITO NO IRAQUE...



PUXA VIDA! SERÁ QUE SÓ ACONTECEM COISAS RUINS, HEIN?



CLARO QUE NÃO! MAS É QUE OS NOTICIÁRIOS ADORAM PASSAR A MAIOR PARTE DAS NOTÍCIAS RUINS!

POR QUÊ?



PORQUE AS PESSOAS GOSTAM DE ASSISTIR ISSO! NÃO É, SEO TOMÁS?

AHI SIM! JÁ VOU FRITAR AS BATATINHAS!



ESTÃO VENDO? NEM PRESTOU ATENÇÃO NO QUE EU DISSE!

ESTÁ "COLADO" NA TEVÊ!

HA HA HA!



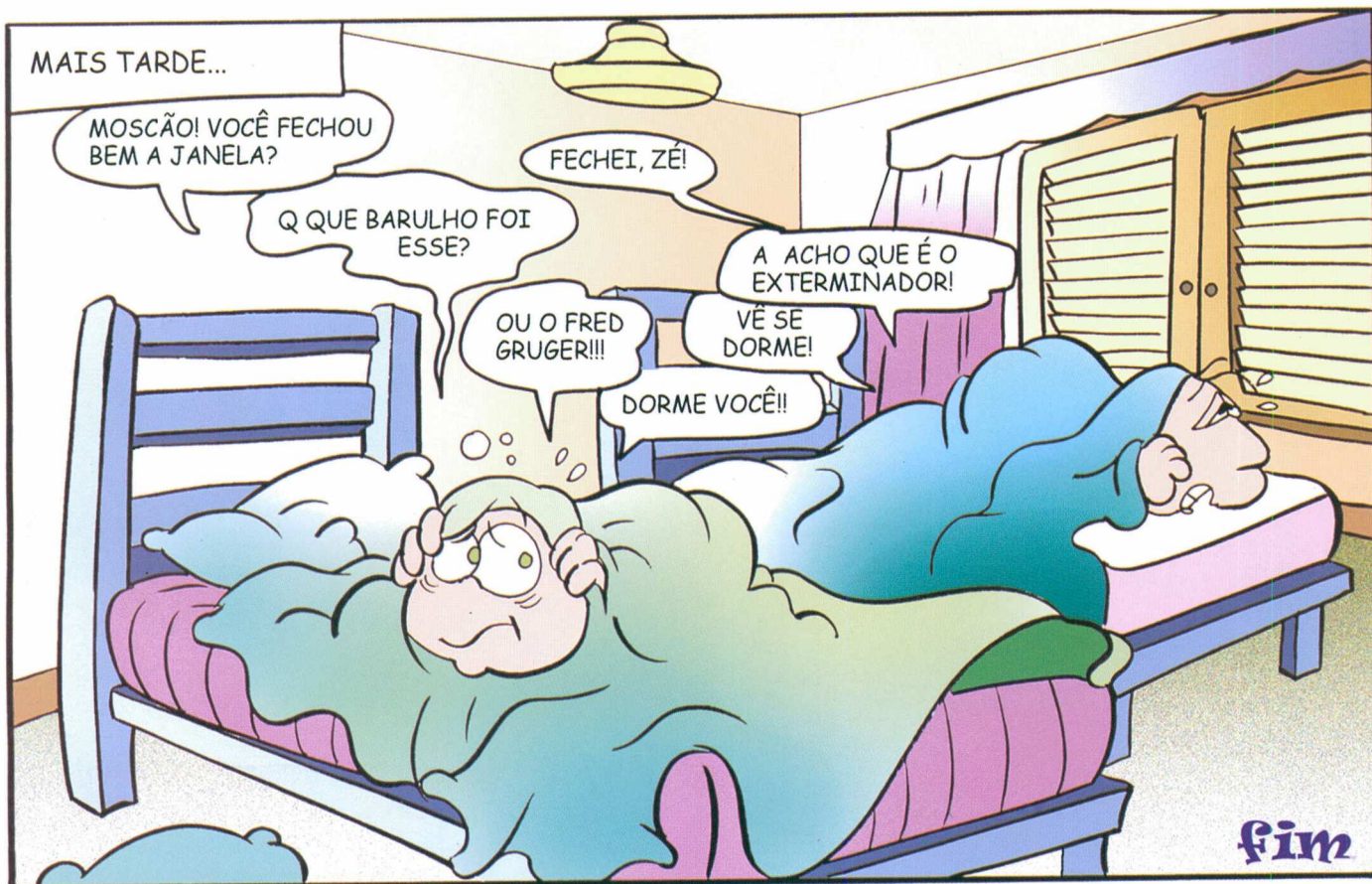
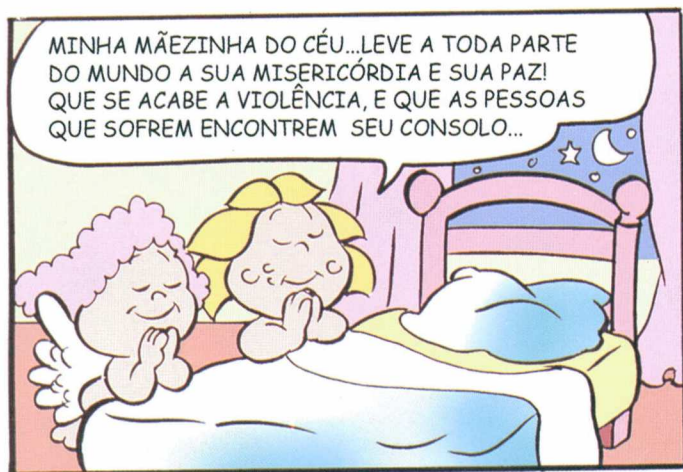
EU, QUE TENHO VOADO MUITO PELO MUNDO, VEJO COMO AS PESSOAS FICAM QUANDO ASSISTEM TANTA VIOLÊNCIA NA TEVÊ?



OII TIA GRAÇA! TROUXE CHOCOLATE? E BOLO? E DOCE? E...

CALMA, CASSILDA! DEIXA EU CHEGAR PRIMEIRO!





Novo Endereço da Turma da Mãira

Av. São Paulo, 88 -3 (Jd. Barueri) CEP 06411-300 Barueri, SP studioecoiris@uol.com.br

revista Ave MARIA



PRIMEIRA
REVISTA
CATÓLICA
MARIANA
DO BRASIL

Ave MARIA

REVISTA MENSAL — FUNDADA EM 28.05.1898
TELS. (11) 3666-2128 / 3823-1060
CAIXA POSTAL 1205 CEP 01059-970 SÃO PAULO, SP

**Mala Direta
Postal**
7214357200/2004 -DR/SPM
**AÇÃO SOCIAL
CLARETIANA**
CORREIOS



**Leia e assine
a revista
Ave Maria**

**Apenas R\$ 25,00 por ano
e você receberá a revista
todos meses**

Não perca esta oportunidade!

**Ligue, grátis, de qualquer parte
do Brasil para:**

**0800-555-021
ou (11) 3666-2128**

IMPRESSO FECHADO - PODE SER ABERTO PELA E.C.T.

A revista **AVE MARIA** foi criada para ser uma homenagem a Nossa Senhora. Por isso, durante um século ela manteve — e continuará mantendo — compromisso com o Evangelho de anunciar a justiça, o direito, a verdade, o amor e a paz.

Divulgue você também esta mensagem.

Você já pensou em dar de presente uma assinatura da **AVE MARIA** a um parente, amigo, vizinho, ou a alguém que você estima?

O(A) novo(a) assinante receberá uma revista que fortalece a fé, leva conforto espiritual, traz a palavra do Papa, notícias da Igreja, artigos enfocando problemas atuais, além de estórias e joguinhos infantis que ajudam a crescer nossas crianças.

Todos os meses, você será lembrado(a) com admiração e alegria por meio da revista. É muito fácil e simples fazer sua assinatura.